BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLVI)

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME VII)

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—

1905

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

A DOM THEODOSIO

CONDESTABRE DE PORTUGAL, Duque da cidade de Bragança, e de Barcellos, Marquez de Villa Viçosa, Conde de Ourem, Senhor das Villas de Arrayollos e Portel

ENTRE trinta e oito naos da India (Excellentissimo Principe) que este reino perdeo em obra de vinte annos, houve em algumas successos tão famosos e dignos de notar, que me moveram a relatar parte delles neste breve Tratado, que com o devido acatamento offereço a V. Excellencia: por me parecer que tanto sentirá eclipsar-se á nação portugueza (com taes perdas) a gloria com que floreceo nesta navegação e conquista que emprendeo (principalmente no tempo do felicissimo e invictissimo Rei D. Manoel vosso visavô) quanto estimará todos seos bons successos. E que não só aos que escapáram dos que refiro, resultará gosto de seos trabalhos, vendo que chegáram á noticia de V. Excellencia, mas eterna memoria dos que nelles acabáram gloriosamente. Receba V. Excellencia com sua costumada affabilidade esta pobre Relação de minha mão rude e indouta, para que fique ella amparada, e desculpado meo atrevimento. Deos guarde a V. Excellencia. De Lisboa 30 de Novembro de 1604.

Melchior Estacio do Amaral.

Tratado das batalhas e successos do galeão Santiago com os olandezes na Ilha de Santa Elena no anno de 1602

CAPITULO PRIMEIRO

De como partindo no anno de 1601 nove naos de Lisboa para a India arribaram. E da volta que fez a Capitania Santiago da India, e pareceres que nella houve de não tomarem a Ilha de Santa Elena

No anno de 1601 mandou El-Rei Nosso Senhor, que álem das tres naos de viagem da carreira da India, de que naquelle anno ia por capitão mór D. Francisco Tello, se aprestassem seis galeões para passarem á India com soccorro de gente, munições, e dinheiro, de que sua Magestade entendeo que aquelle Estado carecia, ou pela perda que houve nelle no assalto do Cunhale, ou pelos respeitos que a isso moveram ao dito Senhor. E ordenou que dos seis galeões do soccorro fosse por capitão mór Ant onio de Mello de Castro, que já duas vezes tinha

ido por capitão mór das naos da dita carreira. E porque se não pudéram aprestar tantas naos para sahirèm juntas em uma maré, as foram lançando assim como se pudéram aviar.

Sahio Antonio de Mello a 11 de Abril com cinco galeões de sua companhia com sua capitania por nome Santiago, e levou comsigo as frótas de Guiné, e Brazil, que largou em suas paragens, seguras de cossarios, que havia muitos na Cósta. Os quatro galeões eram S. João, o Salvador, S. Matheos, e Santo Antonio. Sahio em vinte de Abril D. Francisco Tello com duas naos das suas tres, S. Jacinto Capitania, e S. Roque. E a 27 do mesmo Abril sahiram os galeões Nossa Senhora da Bigonha, da companhia de Antonio de Mello, e S. Simão da companhia de D. Francisco. E nesta fórma foram lançadas este anno de Lisboa nove naos para a India. Porém como não partiram em Março, que é a natural monção desta carreira, tornáram a arribar cinco da Linha, onde á monção se lhe adiantou D. Francisco com as suas tres naos, e o galeão Bigonha da companhia de Antonio de Mello, e S. Matheos, que posto que sahio com elle, por muito zorreiro ficou sendo o ultimo de todos. Passou Antonio de Mello com os quatro, de que a Goa chegáram só tres, com toda a gente bem disposta, posto que a Capitania esteve perdida no Parsal de Sofála. O galeão Santo Antonio na paragem das Ilhas de Tristão da Cunha encontrou-se com a Capitania, e depois de se saudarem, e que iam todos bem, se apartou della para sempre, porque deo á cósta em Socotorá e pereceo quasi a gente toda, e o capitão Manoel Paes da Veiga que escapou se embarcou para Goa com sua mulher, filhos, e uma cunhada; e alguns que escapáram do naufragio, não appareceram mais, dizem que o mar os comeo. Os tres que chegaram a Goa foram muito

festejados pela falta que a India havia, quanto sentidos não chegarem lá as mais naos.

E porque o galeão Capitania Santiago se não fez para a carreira da India, senão para armadas do reino e era franzino para carregar, lhe lançáram em Goa um entre costado: donde se partio para este reino dia de Natal em que se começou a era de 1602 metido no fundo do mar com carga, como costumam partir daquellas partes as naos de sua carreira (mal irremediavel, e que tão caro custa a muitas dellas.)

Trazia este galeão só no porão quatro mil quintaes de pimenta, e no corpo da nao, e debaixo da ponte, e em cima della, na tólda, no capitéo, sobre o batel, no sitio do cabrestante, e no convés, eram tantos os caixões de fazenda, e fardos ao cavalete, que não cabia uma pessoa nelle: E até por fóra do costado pelas postiças, e mezas de guarnição vinham fardos, e camarótes formados, como todas estas naos costumam. De tal maneira que se não podiam nella marear as vélas, e desoito dias senão pode andar com o cabrestante. E sobre tudo se embarcáram nelle perto de trezentas almas entre nautas, officiaes, e alguns soldados ordinarios, e escravos, e como trinta pessoas fidalgos, e nobres, convem a saber: O padre Frei Felis prègador da Ordem de Santo Agostinho, que foi Prior em Ormuz, D. Pedro Manoel irmão do Conde da Atalaya, D. Filippe de Souza, D. Manoel de Lazerda, Francisco de Mello de Castro filho do Capitão mór, Ruy Pereira, Simão Ferreira do Valle, Duarte Barbosa de Alpoem, Alvaro Velho, João Falcão, Fernão Hortiz de Tavora, Pedro Mexia, e outros. Vinha tal o galeão, que por não poder navegar ordenou o capitão mór com parecer dos mais, que o que se havia de alijar com qualquer pequeno tempo, se alijasse em bonança que se não escusava para o galeão ficar marinheiro: e assim

se fez obrigando-se todos ás avarias do alijado, porque era de marinheiros e gruméte pobres. E caminhando na volta de Moçambique, como trazia por regimento, o não poderam tomar com o vento contrario para isso, e bom para seguir viagem: em tal fórma que com todo o panno em cima, e vélas de gávea passáram o Cabo de Boa Esperança em vinte e cinco de Fevereiro com tanta bonança e prazer, qual até aquelle tempo não passára nao outra alguma: de tal modo que parece que enfadada a fortuna de sua prosperidade, os apressava pelos chegar ao termo infelice em que cedo os veremos.

Quando se viram desta banda cumpridos os desejos da boa esperança, começáram a aperceber as armas e artelharia, fazer cartuxos, e outros atávios de guerra para qualquer successo della, pela nova que havia na India de serem passadas á Sunda muitas naos olandezas, com quem receavam encontrarem-se. E com este receio e se verem desta banda do Cabo com tanta brevidade e prosperidade, desejáram todos seguirem sua viagem ao reino sem tocarem a Ilha de Santa Elena, nem outra alguma por terem saude e mantimentos, e agoa para o poderem escuzar, e entenderem que podiam ser em Lisboa até Maio o mais tardar. E propondo-se isto ao capitão mór Antonio de Mello com algumas razões que davam para o persuadirem a isso, elle lhes respondeo:

Senhores bem conveniente fora para nós seguirmos nossa viagem ao reino sem ferrarmos a Iiha de Santa Elena, e assim entendo, e entendi em Goa, sobre que fiz muitas instancias ao Viso-Rei Ayres de Saldanha, e aos do conselho daquelle estado, para me não obrigarem ir a Santa Elena, e não foi possivel outra couza, por ser precisa ordem de Sua Magestade tomar porto nella, e espear até todo Maio pelos dous ga-

leões de minha companhia, para dahi todos tres irmos a buscar a Cósta de Portugal, onde ha cossarios; com outras ordens que me deram em um regimento assinado pelo Viso-Rei, que eu não posso em que queira deixar de guardar pontualmente. O qual regimento entre outras muitas couzas, que não servem para este lugar, continha em summa o seguinte. Que a derróta fosse á Ilha de Santa Elena, como Sua Magestade mandava, levando o galeão a ponto de guerra, e que achando algum navio surto o acommettesse, se lhe parecesse que seguramente o podia fazer, de modo que não desgarrasse o surgidouro. E que chegado á Ilha surgisse na primeira ponta della, a que chamam o Esparavél: Porque estando a bahia tomada de naos de inimigos ficava seguro de poderem ir a elle, por sempre o tempo ser por cima da terra, contrario a quem estivesse dentro, que não podia tomar a dita ponta. E não estando naos de inimigos na bahia, tambem ficava melhor no dito porto, para delle defender a entrada da Ilha a quem a viesse demandar de fóra. E que depois da nao bem amarrada, seria bom mandar em terra fazer uma estancia com duas ou tres pèças de artelharia, bombardeiros, e gente, a cuja sombra ficaria a nao melhor defendida, e para offender a quem viesse demandar o porto. E que acontecendo ajuntarem se todas as naos da companhia, parecia que não deviam de deixar o dito porto do Esparavél, ainda que a agoada se fizesse com mais trabalho, pois que delle se podiam defender, e impedir aos inimigos que não surgissem na Ilha. E que acontecendo, que no dito lugar, e na bahia, estivessem surtos navios com que não fosse licito arriscar se a pelejar com elles, passasse de largo seguindo sua viagem para o reino, na fórma do regimento. E que surgindo em terra em Santa Elena, mandasse vigiar a terra, e ermida por pessoas intelligentes,

e que fossem ao alto da serra descubrir rasto de inimigos, etc. E que acontecendo que apparecessem mais naos, que as de sua companhia, (que era indicio certo de serem inimigos) se fizesse á véla na fórma que assentasse com os officiaes, fidalgos, e mais pessoas o que conviesse para mais segurança da viagem, não se desviando da altura limitada. E que se encontrasse com alguns navios de inimigos, deixava em seo entendimento o como se haveria com elles. Com o qual regimento se conformou e quietou o capitão mór, e defendeo do que se lhe propoz, resolvendo-se que não podia deixar de observar, e tomar a dita Ilha, por mais inconvenientes que disso se receassem. (Que no que Sua Magestade ordenar em seos regimentos, não tem alguem arbitrio.) E foi forçado conformarem-se todos com elles, e governarem á Ilha de Santa Elena, levando ordenadas as armas, e os animos para todo o successo, aprestando artelharia, e xaretando-se, e todos os mais petrechos necessarios e convenientes á guerra. E o capitão mór nomeou para o cuidado e defesa de alguns lugares do galeão as pessoas que lhe pareceram sufficientes para couza de tanta importancia, como foi D. Pedro Manoel para o convés, Ruy Pereira para a proa, e Simão Ferreira do Valle para a tòlda. Com o qual concerto os deixaremos ir caminhando, por tratarmos do inconveniente, e adversario que já os está esperando na dita Ilha.

CAPITULO SEGUNDO

Quaes eram os inimigos que na Ilha de Santa Elena encontrou o galeão Santiago: e do proposito com que nella estavam

NAQUELLE mesmo anno de 1601 em que El Rei nosso Senhor mandou soccorro á India com armada dos galeões (como está dito) sahiram do rebelde Estado de Olanda tres esquadras de naos para a Cósta de Sunda, de uma das quaes ia por general Cornelius Sebastianus Olandez. E sahio da cidade de Medio Alburgo, por ordem de Mauricio, e do Conselho daquelle Estado, a assentar amizade e pacifico commercio com El-Rei da Sunda. E que voltaria cedo com alguma pimenta, e o mais boiantes que pudéssem, trabalhariam de se achar na Ilha de Santa Elena até meado Fevereiro o mais tardar, onde esperaria alguma nao nossa de carreira da India, e trabalharia pela tomar, rendendo-a ás bombardadas, e não abalroando nunca com ella. Com este designio e regimento fez volta Cornelius da Sunda tão cedo, que antes de quinze de Fevereiro estava já na Ilha de Santa Elena, surto com tres naos, trazendo comsigo dous embaixadores d'El-Rei da Sunda a visitar Mauricio, e a seo negocio. Eram as tres naos todas de um porte, a Capitania das quaes tinha trinta e duas péças de artelharia de bronze, e cada uma das outras trinta péças, em que havia canhões de sessenta quintaes, que atiravam pelouros de vinte e de vinte e quatro libras de ferro coado; eram navios de guerra feitos para isso, e a primeira andaina de artelharia grossa jugavam por baixo da ponte ao lume d'agoa por estarem boiantes, e não trazer cada nm mais que dous mil quintaes de pimenta. Tinha cada nao perto de cem homens

que faziam officio de soldados, marinheiros, e bombardeiros, como é costume daquella nação, com que fazem grande ventagem aos nossos navios. Eram todos hereges calvinistas, e pela maior parte, sem se enxergar entre elles mais que só um catholico. Estavam providos de muitas invenções de armas, e policias de guerra; e de tão grão cópia de munições de respeito, que depois de tres dias de batalha com o nosso galeão, contáram na sua Capitania os pelouros que lhe sobejaram de bombarda, e acharam seis-centos e tantos só de cadea, e de picão, de ferro coado, afóra os redondos: segundo o que parece não traziam outro lasto senão pelouros. A sua praça de armas e convés de artelharia, era tão desembaraçado, e as portinholas tão bem rasgadas, os reparos das péças tão bem obrados, e tudo com tanta conta e razão, que borneavam a artelharia para a popa e proa com muita facilidade, apontando tanto ao lume d'agoa, que tendo uma destas naos depois da batalha um batel a bordo, o pescavam com a péça de meio a meio, e tudo mostráram de industria, por mostrarem aos nossos o como andavam apercebidos.

E o nosso galeão Santiago, que em popa vem caminhando a encontrar-se com estes inimigos, não traz mais que desasete péças de artelharia, em que entram quatro berços e dous sacres, e a maior péça é uma meia espera. E tudo sobre a ponte, onde mal se póde bornear, nem jugar com muito empacho de caixaria, e fardos, e as portinholas estreitas, que ficavam de peior condição com a grossura dos dous costados. E não trazia mais que trinta pelouros de picão e cadea. Apontei isto para que se veja com quanta ventagem estes olandezes se encontráram com este galeão, e o recato e aparelho com que convém aos nossos, e naos da India, andar, pois se póde esperar encontrarem-se

outras vezes com elles, e saibam a grande ventagem com que os buscam. Acháram estes inimigos na Ermida de Santa Elena a carta que poucos dias havia deixára nella a mal afortunada nao S. Valentim, que vindo de arribada de Moçambique, foi tomada de inglezes, ancorada em Cezimbra, no mesmo anno. E sabendo pela carta que a nao era passada por Santa Elena, receberam grande desprazer, segundo depois contavam, magoados de lhe escapar aquella preza. E fizeram com grande presteza sua agoada, lenha, e o mais que da Ilha podiam esperar, para estarem tanto a ponto, que sem dilação se pudesse fazer á véla a acommetter qualquer nao que se lhe offerecesse antes de botar ferro, nem se lhe poder acostar á terra. Traziam comsigo artifices de pintura, e escultura, para debuxar e estampar os portos, terras, e trages das gentes, onde aportassem, e um destes deixáram em Santa Elena, segundo se collige do que digo no capitulo em que trato desta Ilha em particular.

CAPITULO TERCEIRO

Da chegada do galeão Santiago á Ilha de Santa Elena, e da batalha que nella teve com os olandezes

Como os que se vem em grande prosperidade devem com razão andar cercados de receios da adversidade, vinha o nosso galeão Santiago correndo em popa com tanta brevidade, e prospero tempo, que nunca outro passára o Cabo de Boa Esperança, de maneira que em quatorze de Março, amanhecendo em uma quinta feira, houve vista da Ilha de Santa Elena,

para todas as naos da India tão deleitosa, e para este galeão tão forçada, e pouco alegre, quantos eram os desejos que todos nelle traziam de a não ver nesta viagem. E assim como gente possuida mais de justos receios, que de gosto de ver terra, se esqueceram do alvoroço com que todos a vinham ferrar nos annos atrás: e os que melhor sentiam do negocio não lhes parecia terra, senão prodigio de sua desaventura. Com tudo, fazendo bom rosto á fortuna (a que a gente da India, e da carreira della já anda costumada) aprestou cada um as armas e aparelhos de guerra, que lhe tocavam: outros trabalhando de botar o batel fóra, outros çafando amarras e ancoras, foram buscar a terra pela parte do norte, e chegáram a descubrir a ponta do Esparavél, que demóra ao Noroéste; e vindo na volta delle viram que no porto de Santa Elena, (e alguns dizem que na agoada velha) estavam ancoradas as tres naos, que causáram a todos a turbação já tanto atrás antevista, tendo por sem duvida serem inimigos. Uns diziam que voltassem para o mar, e que não tomassem o Esparavél, outros tinham outras opiniões. A todos satisfez o capitão mór, e os aquietou dizendo que o galeão era navio muito pezado, e vinha carregado no fundo do mar, e não podia fugir áquellas naos, que estavam boiantes, e o tinham visto não só do porto aonde estavam, mas desde que amanhecera com vigias que deviam ter nos cumes dos montes; e que fazer volta era acrescentar animo ao inimigo, cuidando que lhe fugiam: mórmente quando elle pela ligeireza das suas naos os havia logo de alcançar. Que se encomendassem a Deos e houvessem bom animo, e se fosse lançar ferro onde o regimento mandava.

O inimigo quando vio o galeão ir na vólta do Esparavél, pareceo-lhes que por lhes estorvar a preza, se daria alli fundo, ou fogo, acolhendo-se a gente á ter-

ra, (como já tinham feito os da nao Santa Cruz na Ilha das Flores, acossada dos inglezes.) Despedio com presteza uma lancha ao galeão, com um trombeta, e elle levando as amarras se foi fazendo á véla com a sua Almiranta, deixando a terceira nao pacifica no porto, ou fosse (como elles depois disseram) que eram de outra esquadra, e não traziam ordem de pelejar com as nossas naos, ou para estar de sobrecellente, e não deixar naquelle espaço em que elle ia na volta do mar (até ferrar o Esparavél) desembarcar no porto a gente do nosso galeão no seo batel: fosse como quizesse, a sua lancha chegou perto do galeão, no qual entendendo-se que o vinha reconhecer, e a gente e artelharia, lhe bradáram da popa que fallasse de longe; e assim o fez perguntando que nao era aquella? e juntamente do galeão lhe perguntáram que naos eram as suas? Responderam que de Olanda, e que vinham do Dáchem, e isto se entendia mal, porque era de longe, posto que alguns dizem que fizeram comprimentos da parte do seo capitão mór; outros dizem que chamàram ao nosso capitão mór, que fosse lá, que o chamava o seo general. E não duvido dos comprimentos fingidos; porque era sua tenção entreter o galeão, e segura-lo, que eram amigos, pelo temor, que tinham, que fizesse de si. E que fossem os comprimentos fingidos bem se vio na presteza com que se desamarrou, e veio fórçando os mastos por ferrar o Esparavél, levantando-se do porto pacifico, em que estava uma grande meia legoa, e pretendendo-se melhorar no surgidouro, com bandeiras e galhardetes largos, tocando trombetas, com toda a artelharia abocada, e a gente cuberta, que são sinaes claros de batalha, e de inimigos. E não é concluente a razão que alguns querem dar, que se levantáram as duas naos, por temerem que o galeão os fosse abalroar, porque isso estava na sua mão delles, quan-

do isso fora, ou o galeão passára o Esparavél, em que havia tempo de se levantárem, e bastára ir na volta do mar, pela ligeireza das suas naos: e mais esse inconveniente ficava na sua nao surta, que se não bulio do porto. Mas a sua tenção era batalha, e isso esperavam alli. E não era o galeão bem ancorado, quando elles surgiram com elle, melhorando-se no surgidouro de tal maneira, que o mestre do galeão Simeão Peres bradou pelo capitão mór, que mandasse atirar áquella nao, que não convinha consenti-la ancorar naquelle lugar.

O capitão mór, como a batalha já estava descuberta, entendendo que o inimigo o não vinha buscar alli com tanta presteza, e em tal fórma para paz, senão para guerra, lhe mandou atirar uma pèça, que não era bem disparada, quando o inimigo, que vinha a ponto, com bota-fogos acezos, em lançando ferro, e juntamente disparando no galeão sua artelharia, não perdeo ponto, assim de uma nao, como da outra, de tal maneira, que se travou uma mui cruel batalha de parte a parte, estando a tiro de arcabuz, e de mosquete, de que os nossos usáram todo o dia, mas com pouco effeito por não apparecer dos inimigos pessoa alguma descuberta, a que fizessem pontaria. O nosso capitão mór vendo que na fórma em que estava, muita da sua artelheria não pescava as naos dos inimigos, mandou dar um cabo em terra pela popa do galeão, pelo qual alando-se, o atravessou de maneira, que sentindo o inimsgo o dano que recebia da nossa artelharia, se fez á véla na volta do mar, e tornou a surgir de maneira, que se desviou da pontaria da artelharia, recebendo menor dano, e ficando uma dellas pela proa. E pelejando com esta ventagem todo o dia desfazendo e desaparelhando o galeão, houve de parte a parte muitos mortos e feridos, entre os quaes um foi Fran-

cisco de Mello de Castro, que tendo pelejado do convés, e da xareta com seo arcabuz, e vendo que era de pouco effeito, andava no convés ajudando a pelejar com artelharia, quando dando um pelouro em um bombardeiro, e espedaçando-o, os outros desampararam a péça, que elle estava borneando. E acodindo a ella Francisco de Mello, animando aos que se arredáram, deo outro pelouro pelo proprio lugar, e rompendo o costado, lançou tantas rachas, que o feriram cruel e mortalmente de treze feridas abertas, e lhe quebráram o olho direito, que logo perdeo: e estando no chão amortecido, D. Pedro Manoel, que não estava longe delle, o quizera encubrir de seo pai, e não o pode fazer, porque como elle a todo o successo acodia logo, vio seo filho no chão, e cuidando estar morto, levantou a vós, e disse: Senhores não haja turbação, se meo filho está morto, cubram-no, que acabou em seo officio, e cada um acuda a seo negocio.

Não cessavam os nossos de buscar todos os meios de offender os inimigos, usando de muitos cartuxos, que traziam feitos, e naquelle dia gastáram cento e tantos delles esperando tambem a terrivel trovoada de muitos, e reforçados pelcuros do inimigo, que de continuo disparavam sem cessar momento, fazendo estrago grandissimo no galeão, e de sua enxarcia, passando por onde lhe achavam vão, de tal maneira, que iam parar na rócha com tanta furia, como se nada tiveram passado. E passando um destes pelouros pelo convés, em que estava Duarte Barbosa com a espingarda na mão, lhe deo nella, e levou metade em claro, deixando-lhe a outra metade nas mãos, não perdendo elle neste passo o acordo, que para tal tempo convinha ter prompto, e como quem não era aquella a primeira em que se achou. Outro pelouro fez uma couza no convés do galeão, digna de se saber, porque

passou o costado, e juntamente um fardo grande de caniquins de meio a meio, e foi dar na habita com tanta furia, que deixando nella uma grande móça concava, tornou atrás, e dando em outro fardo junto ao fogão, saltou, e foi dar na cabeça de João Carvalho marinheiro, e o atordoou, mas não lhe fez nada, porque ia já fraco: por onde não parece que ha muito que fiar de fardos de caniquins, para segurar de semelhantes pelouros, como alguns tem que bastam. Acabava um bombardeiro estrangeiro chamado Mestre Antonio (por lhe não correr uma péça a seo gosto) de dizer: *Pliegue a Dios que venga una bala, y me quiebre estas piernas;* quando não eram ditas as palavras, chegou a bala, e lhas quebrou, e o matou. O piloto tinha seis escravos, e parecendo-lhe que estando espalhados pelo galeão não estavam muito seguros, ajuntou-os e meteo-os na habita muito juntinhos, veio um pelouro começando no primeiro, acabou no derradeiro, espedaçando-lhos todos seis de um golpe. A um soldado da India criado d'El Rei, que vinha a certo requerimento, deo um pelouro, e lhe levou meia cabeça fóra, sem mais fallar palavra.

Particularizei estas mortes pelo differente successo dellas; álem das quaes houve outros mortos e feridos. E os inimigos não estavam sem dano, e mortes, porque só de um tiro do galeão morreram tres juntos. E nesta fórma, elles pela preza, e os nossas por sua defensa, a batalha se continuou das oito horas da manhã até a noite, que á sombra daquellas altas rochas lhe ficava mais obscura, e os obrigou a silencio. Não faço particular menção dos fidalgos e soldados, que neste dia se assinaláram, porque como não vieram ás mãos, não houve lugar de couzas particulares; baste que todos em geral mostraram grande valor com sobeja constancia e ousadia, pelejando com seos mosquetes e ar-

cabuzes, e ajudando a todo o meneio da artelharia, não perdendo ponto de tudo o que em tal batalha e estado lhes era possivel, cheios de mágoa de não poderem chegar com os inimigos aos cabelos. E posto que mais não fizeram, que porem seos peitos, sem mais outra defensa, á furia de tanta e tão continua, e reforçada artelharia, mostráram bem seo valor, e a prova de quem eram: pois que podendo-se eseusar de tão provavel perigo, lançando-se á terra, a que estavam pegados, pode mais com elles a obrigação de cavallaria, que o temor da morte, que viram presente, mais cheios de pezar e colera pelo máo aparelho que tinham para offender aos inimigos, que tristes pelo dano que recebiam delles.

Cerrada pois a noite se deo fundo aos mortos, e se curaram os feridos com todo o amor e caridade possivel, reformou-se a enxarcia, que estava despedaçada, trabalhando todos nisso, e em outras couzas necessarias á sua defensa: até que rendido o quarto da prima, parecendo ao capitão mór que os inimigos lhe tinham naquelle sitio muita ventagem com tanta e tão reforçada artelharia, que não sómente jugavam por cima da ponte, mas por baixo ao lume d'agoa, que possivel era, que no largo do mar picado não usariam, e lhes seria necessario fechar as portinholas mais importantes, e que alli por suas naos serem tão veleiras, que cada vez que quizessem, se podiam melhorar de sitio mais acommodado á offensa do galeão, do qual os não podiam offender, estando ancorado a pé quedo recebendo baterias, e que de outra maneira seria andando á véla; acrescendo a isto uma razão particular, que me pareceo não declarar, e deixando lugar aos curiosos de a poderem inquirir, que muito o obrigava fazer-se á véla, e seguir seo caminho, e pelejar no mar, em que se ajudaria melhor da sua artelharia de

uma e outra parte, que assim surto lhe mal servia; deo conta disto a algumas pessoas, que para aquelle particular lhe pareceo no estado, em que o negocio estava, e que em seguir seo caminho se confirmava com seo regimento, que assim lho ordenava, se naquella bahia achasse inimigos, com quem lhe não parecesse pelejar. E a esta opinião do capitão mór ajudou tambem o mestre Simão Peres, dizendo ser acertada, que ainda que os inimigos os seguissem até o Brazil, se os não metessem no fundo (que era só o que se podia recear) ia pouco em os desaparelharem vinte vezes, porque tantas se atrevia a reformar a enxarcia. Finalmente rendido o quarto de prima, se desamarrou o galeão. E porque o inimigo, como foi noite, se tornou logo ao porto, donde pela manhã se desamarrára, não se havendo por seguro do galeão seo vizinho o poder de noite abordar de algum modo, que era o de que o inimigo muito fugia, e se temia, e temeo sempre, e o que os nossos muito desejavam: e ao tempo que largáram a amarra foram ficando sobre a ponta do Esparavél, virando sobre o porto, largáram véla, e picando a espia, que estava na rócha, puzeram a proa nas naos do inimigo, que vendo vir o galeão se aláram tanto para terra, e com tanta presteza, que ficáram por balravento, e os não puderam abordar, com assás mágoa dos nossos. A que não foi possivel outra couza, senão seguir sua viagem, que escolheo por meio mais acertado.

CAPITULO QUARTO

Da acção com que a navegação de Guiné, Brasil, e do Oriente pertence mais á Coroa de Portugal, que a outra alguma; e quando teve principio; e da tyrania dos olandezes; e que Ilha é Santa Elena, quando, e por quem foi descuberta

Em quanto vai o nosso galeão caminhando, e os inimigos apoz elle, paremos um pouco neste lugar, vejamos com que acção pertence a conquista e navegação de Guiné, e Brazil, e Indias Orientaes, mais á Coroa de Portugal, que a outra alguma. E quando, e por quem teve principio; e que Ilha é esta de Santa Elena, quando, e por quem foi descoberta? E' couza digna de consideração ver os milhares de annos que a Divina Magestade teve occulta esta navegação, havendo tão curiosos e grandes mathematicos, e cosmografos. E como a reservou Deos para a nação portugueza: que para isto foi criando de tão pequenos principios, naquelle bemaventurado seculo de mil e duzentos, em que levantou o Magno D. Affonso Henriques, primeiro Rei da familia e povo portuguez, verdugo fortissimo dos Mafomistas, ao qual nosso Redemptor Jesu Christo appareceo no Campo de Ourique, estando para dar aquella memorada batalha a cinco Reis Mouros, que com todos seos poderes, e com milhares de mouros o tinham cercado, tendo elle mui pouca gente portugueza, e acovardada da multidão dos inimigos. E entre os mais colloquios, que com elle teve Nosso Senhor Jesu Christo, foi dar-lhe espectativa da navegação e conquista, que hora possue esta Coroa, nestas palavras, que entre outras lhe disse:—«Apareço-

te Affonso ✠ para fortalecer teo coração nesta batalha; e para fundar os principios deste reino sobre uma pedra firme. Confia, que não só nella alcançarás vitoria, mas em todas as que pelejares contra os inimigos da Cruz. E se este teo povo te pedir que entres nella com titulo de Rei, concede-lho: e não duvides; porque eu sou o que dou e tiro os imperios e reinos. E em ti, e em teos descendentes quero fundar imperio: para que meo nome seja levado a gentes estrangeiras; e para que teos successores saibam o fundador deste reino, farás umas armas do preço com que eu comprei o genero humano, e do com que fui comprado pelos judeos; ser-me-ha este reino santificado, puro na fé, e amado de mim com piedade; e nem delle, nem de ti se apartará em algum tempo minha misericordia; porque lhe tenho aparelhado grande pedra; e os escolhi para meos opérarios, para terras remótas, &c.»

Como tudo isto, que aqui summariamente abreviei, com outras couzas, consta do auto que o proprio Rei D. Affonso fez escrever, e assinou nas cortes que celebrou na cidade de Coimbra, em trinta de Outubro de 1132 em que affirmou com juramento, que todo o sobredito lhe dissera Nosso Senhor Jesu Christo, no dito campo de Ourique. E quem mais por extenço quizer o dito auto, acha-lo-ha na Chronica de Cister, e na Genealogia dos Reis deste reino. Que eu não toquei aqui mais, por brevidade, que o tocante a meo proposito. E ainda que não estivera jurado por um Principe tão catholico, e santo, se vê tudo cumprido aos portuguezes, obreiros escolhidos pelo Senhor para terras remótas. Para o que lhes reservou esta navegação e conquista do Oriente, Guiné, Ethiopia, e Brazil, e Ilhas adjacentes: tendo-a para isso occulta a toda a outra nação 5372 annos que havia, que criára o Mundo, e 3717 que fora o diluvio universal, até o qual tempo

não havia na Europa noticia de mais, que das Ilhas das Canarias, e mar Atlantico, onde senão ia senão no verão, e em naos grandes. E chamavam-lhe Ilhas Afortunadas; pelo muito que haviam, qne fazia quem ia, e vinha a ellas. Porque reservava Deos este bem para este povo portuguez, como reservou, indo-o para isso criando nestas ribeiras do mar Oceano, de tão pequenos principios: ampliando-o, e favorecendo-o de modo, que lançáram deste reino, e ajudáram a lançar de Espanha os perfidos mafomistas, até passarem apoz elles a Africa, onde lhes tomáram muitas cidades, algumas das quaes lhes largáram depois, por seguirem a empreza da navegação, e conquista, para que eram criados. Até que foi servido que sahissem os portuguezes seos obreiros, com os sementeiros de sua santa palavra Evangelica, e fossem denunciar seo Santissimo nome pela redondeza da terra, e aos mais remótos limites della, inspirando no Serenissimo Infante D. Henrique, Mestre da sua Ordem e Cavallaria, filho do valeroso Rei D. João o Primeiro, descendente do Santo Rei D. Affonso Henriques, que começasse a dar principio, e abrir a occulta estrada do Oceano até o Oriente, e dilatados imperios, e reinos delle. Inspiração divina, e digna de tal varão, principio das promessas do Campo de Ourique: porque abrazado o Serenissimo Infante em um santo proposito da propagação de nossa Santa Fé Catholica, aviou uma embarcação conveniente, em que os primeiros que inviou, não ousando a engolfar-se no mar, se tornáram sem fazer nada, pasmados de tão largo golfão, e navegação tão occulta.

Segundou o Infante por outros descubridores, que chegáram até Serra Lioa, e Ilhas de Cabo Verde, distancia das Canarias de 244 legoas, no anno de nossa redempção de 1420 e do diluvio 3727 que ha hoje

184 annos, e havia 288 que Christo Nosso Senhor apparecera no Campo de Ourique a El-Rei D. Affonso Henriques, e já havia dés annos que o Infante tinha inviado os primeiros navegantes. E assim ha 194 que os portuguezes se começáram a engolfar no Oceano. E no anno de 1433 treze annos depois de descuberto o Cabo Verde, lançaram mão desta empreza João Gonçalves, e Tristão Vás, que se houveram nella com tanto valor, que rompendo por todas as difficuldades, e temor (que naquelle tempo occupava a todo o animo neste negocio) e com razão, descubriram toda a cósta de Guiné, e da Ethiopia, e hora atropelados do mar, hora dos ventos, chegáram até o mar da India, cuja nova foi tão festejada, e tão grata á Santa Igreja Romana, que o Santo Summo Pontifice Martinho Quinto no anno de 1441 deo sua apostolica benção, e faculdade ao Serenissimo Infante por tão insigne obra, incorporando á coroa de Portugal tudo o que se descubrisse das Canarias, até o ultimo da India. A qual graça depois confirmáram amplissimamente os Santos Summos Pontifices Romanos. E tendo o Infante gastado nesta empreza cincoenta annos, o levou Deos a gozar do premio de suas virtudes, e El-Rei D. Affonso seo sobrinho continuou depois esta conquista em quanto viveo, e muito mais El-Rei D. João o segundo, que nisso meteo muito cabedal, em cujo tempo descubrio Christovão Colon a terra do Novo Mundo, achado antes pelo grande Americo Vespucio, do qual tomou o nome, que tem de America. Sobre o qual novo descubrimento houve as duvidas entre Portugal e Castella, que concluio o Papa Alexandre Hespanhol, com a linha que lançou de Polo a Polo, quatrocentas e setenta legoas a Loéste das Ilhas de Cabo Verde, applicando á coroa de Castella tudo o que a Linha demarcava á parte Occidental, e á coroa de Portugal o que

demarcava ao Oriente, da qual demarcação lhe coube a terra do Brazil. A El-Rei D. João o segundo succedeo El-Rei D. Manoel, em cujo tempo esta navegação e conquista teve felicissimos successos, e foi achada e descuberta a terra do Brazil por o capitão mór Pedro Alvares Cabral indo para a India com doze navios de armada, no anno de 1500 a tres de Maio dia da Santissima Véra Cruz, que na cósta daquella grão provincia foi alvorada, e posto o seo Santo Nome, que depois se mudou ao que tem, por respeito do páo Brazil de tinta que nella foi achado. Está esta terra do Brazil dous gráos da Equinocial, e corre sua cósta para o Polo Austral, quarenta e cinco gráos, em que ha 1050 legoas de cósta de mar: e fóra o sertão, que tem quinhentas e dés legoas no mais largo. E' esta provincia triangular, vê pelo sertão os altos montes do Perú, dista sua cósta do Cabo de Boa Esperança mil e duzentas legôas de mar: toda é terra sadia, e excellente.

Do que fica dito procedeo a acção com que a nação portugueza tem a dita navegação e conquista, e os titulos, que a coroa deste reino tem do senhorio de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, adquiridos com grande despeza de armadas, e pelas armas, e muito derramamento de sangue portuguez, e principalmente favorecidos por Nosso Senhor Jesu Christo, e escolhidos para isto por sua Divina Magestade para obreiros da seára de seo Santo Evangelho, por elles levado e pré gado pela redondeza da terra, e mais remótos limites della, onde é conhecido e reverenciado o Santissimo Nome de Jesu. No que se vê cumprido o glorioso colloquio do Campo de Ourique, clara e indubitavel verdade do que o dito Senhor Rei D. Affonso Henriques jurou nas cortes de Coimbra. E assim se os hereges e piratas perguntarem, (como elles perguntam) quem deo

esta conquista mais aos portuguezes, que a outra nação, se lhes responda, que nosso Redemptor Jesu Christo, e a sua Santa Madre Igreja Romana Esposa sua sagrada; e que os portuguezes tem seos titulos em pedra firme, da palavra de Jesu Christo Nosso Deos, que não póde faltar. E se querem mais prova desta verdade, vejam o triumfo da Santa Igreja em todo o Oriente, com tanto fruto e gloria de Nosso Redemptor, como lá tem feito o Sagrado Evangelho, semeado pelos filhos dos gloriosos S. Francisco, S. Domingos, e Santo Agostinho, e outros religiosos que passáram áquellas terras remótas, onde muitos derramáram o sangue, recebendo coroa de martyrio, e gloria pela Santa Fé Catholica. Tem tambem triumfado muito a Santa Igreja no Oriente, depois que a elle passáram os padres da Companhia de Jesu, verdadeiros obreiros desta sagrada seára, e apostolos de seo Santo Nome, e Evangelho, que com sua santa doutrina tem feito pasmar os infernos, com a grande conversão de infinitos milhares de almas, que com sua prégàção reconhecem pelo mundo o Santissimo Nome de Jesu, e recebem pela sua mão o santo baptismo, não só no Oriente até a China, mas na Ethiopia, em a grande provincia do Brazil; entre o mais barbaro gentio do mundo e póde tanto a doutrina da Companhia de Jesu, que não só vão reduzindo aquella bruta gentilidade á Santa fé Catholica, mas á policia humana, que entre elles não havia. De maneira, que parece, que está bem provado, contra as perguntas que fazem os piratas, a acção com que os portuguezes tem esta santa conquista.

E pelo conseguinte se próva contra os olandezez rebeldes contra seo Rei e Senhor, e contra a obediencia da Santa Igreja Romana, a pouca e nenhuma que elles tem para irem ao Oriente, nem para tomarem os portos descubertos pelos portuguezes, e muito menos

para lhes tomarem suas naos, nem para debuxarem e estamparem a Ilha de Santa Elena, que muito festejam em quantas taboas a estampam. E pois os cossarios, a quem ella não pertence, tanto a festejam, só pelo que ella em sua paragem importa aos que nella portam, me pareceo não passar por ella depressa, sem tratar de seo sitio, e propriedade, por quão afamada é pelo mundo. E para melhor se entenderem algumas couzas, que della toco, mandei estampar a planta della, não pelo frontespicio sómente, como fizeram os olandezes, mas com toda a regra da cosmografia, com todas suas pontas, enseadas, e ribeiras, na fórma que se vê estampada no cabo deste capitulo; ([1]) advertindo, que se presuppõem nella, que se vê a Ilha toda a uma vista, por cuja razão estão todos seos montes e rochedos, de que é cercada, e formada á parte interior, que de outra sórte não se lhe pudéra ver mais que o frontespicio, se se houvera de mostrar fragosa.

Esta Ilha está desaseis gráos e dous terços do Polo Austral, tem duas legoas e quarta de comprido, Norte Sul, e de largo legoa e meia, tem o porto a Loes-Noroéste abrigado das monções, que fazem a Cósta mais tormentosa. Dista esta Ilha de Lisboa 1100 legoas, e 2000 de Goa, e do Cabo de Boa Esperança 520 e 540 do Brazil, e de Angóla 370 e 1100 de Moçambique, e da Mina 375. Foi descuberta no anno de 1502 que ha hoje cento e dous annos, em vinte e dous de Maio, dia de Santa Elena, pelo Capitão mór das nos-

---

([1]) — A planta a que se refere Estacio do Amaral, não vem na edição de que nos servimos, nem nas que possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa. E' possivel que exista, mas não temos conhecimento onde.

Mello d'Azevedo.

sas naos da India, João da Nova, vindo de torna viagem, e tantos annos ha que a coroa deste Reino está de posse della, e que os portuguezes nella foram lançando porcos, cabras, coelhos, perdizes, de que tem quantidade; tem gallinhas maiores que as de Guiné: tem muitas pombas, e rolas, tem muitos gatos bravos, que fazem ser menos os coelhos e perdizes, tem muitos ratos, e formigas, e não tem mais bicho algum. Tem algumas parreiras de uvas, tem todo o anno figos berjaçótes, bons, grandes, e mellosos, e que em uma noite amadurecem, tem limoeiros, larangeiras, limeiras, romeiras. Pelos valles e fundas ribeiras tem muitas arvores, muita parte das quaes são gingeiras bravas, e outras (a que alguns querem chamar déllios) que fazem a figura de salva na folha, e distilam de seos troncos uma rezina, que é tida por beijoim, e alguns a trouxeram de lá por esse, e o venderam por tal. Tem umas hervas de tinta azul, como as que ha em Cabo Verde, que dão tinta finissìma, com que tingem os pannos, que de lá vem, que nunca distingem. Tem pelas planicias multidão de nabiças de comer. E' fragosa, e muito mais o parece, porque é deserta, e não tem estradas ; suas ladeiras são de pedras soltas, que se vão umas apoz outras facilmente. De todos seos montes manam fontes de muita e excellente agoa, que a fazem fresca, e provida de muitas ribeiras, de que toda é cercada. Uma das quaes, da parte do Sul, se converte em salitre, de que se póde fazer carregação, e já foi trazido a Lisboa, e vendido para polvora, na nao Capitania de João Gomes da Silva, no anno de noventa e sete. Tem muitas lagostas, e alguns caranguejos, e nenhum outro marisco. O pescado são xaréos, garoupas, sargos, bodeaes, cavalas, e moreas, e tudo facil de pescar, e em grande abundancia. Todas as madrugadas infallivelmente chuvisca nesta Ilha, e co-

mo nasce o sol, faz fermoso dia. Correm nella as agoas de Nordéste Suduéste, e por esta cauza, e serem os ventos por cima da Ilha, com monsão, se tinha por opinião que a todo o navio, para tomar o porto nella, convinha ir tocando o Esparavél, e senão que logo desgarrava, e perdia o surgidouro, e por esssa razão o regimento do Viso-Rei Ayres de Saldanha, que deo ao Capitão mór Antonio de Mello, dizia, como fica referido, que ancorasse na ponta do Esparavél, onde ficava seguro dos inimigos o poderem tornar a buscar, se no porto estivessem. Da qual ponta poderia tambem defender a entrada no porto aos inimigos, se o viessem buscar. Porém neste successo dos olandezes mostrou isso melhor a experiencia, e que a antiga opinião não ha lugar senão nas nossas naos, que vem da India carregadas, e são pezadissimas, e muito metidas, e em que as correntes e ventos fazem grande preza, não só na Ilha de Santa Elena, senão em toda a parte do mar. E assim tambem não ha lugar de fazer repairo no Esparavél, com artelharia, como o regimento dizia, pois vemos que os inimigos vão na vólta do mar, e tornam a ferrar por balravento, e melhor se afastariam desse repairo, e tornariam na vólta do porto, mórmente, que o Esparavél é composto de rócha altissima, e de pedras tão soltas, que dá pouco lugar a esses repairos : em tanto, que lançando-se do galeão Santiago um galgo, que nelle trazia da India Alvaro Velho, fugido á terra a nado, atemorizado das batalhas, e trepando pelo Esparavél, tres vezes o viram tornar por elle abaixo em tombos, pelo lugar por onde na estampa se mostra, porque não pode pegar-se pela rócha, por quão solta é toda, e lá se ficou o galgo na Ilha.

Depois de partido desta Ilha o galeão Santiago, e os olandezes apoz elle, chegáram a ella os dous ga-

leões de sua companhia, o Salvador, e S. João, que partiram de Cóchim, e acháram na Ermida de Santa Elena um painel, e pintado nelle o dito galeão, pelejando com as tres naos olandezas, com um letreiro em flamengo, que dizia: — *Este galeão, Capitania de vós-outros, vai pelejando com estas tres naos olandezas.* Ficáram admirados de ver o painel: e por elle, e por acharem corpos mortos, e a ancora no Esparavél: e o cabo da rócha: e quanto a mim na Ilha ficáram olandezes, e devia de ser algum o artifice, que levavam para lhe debuxar as terras, como debuxou a esta Ilha; porque não teve tempo para pintar, naquella quinta feira da batalha, o painel, mórmente, que o letreiro dizia: *Vai pelejando.* Ir-se-iam depois nas outras suas esquadras, que eram tambem na Sunda.

CAPITULO QUINTO

Da batalha que o galeão Santiago teve com os olandezes, o dia de sexta feira, que se desamarrou do Esparavél

Desamarrado o galeão á sexta feira lhe amanheceo, como fica dito; não caminhou só muitas horas, por que o inimigo se fez apoz elle á véla com suas tres naos, com que em breves horas o alcançou, e pondo-se-lhe pelas quadras com as duas combatentes do dia dantes, levou detrás por sua esteira, sempre pacifica, a terceira nao, a qual em caso negado, que fora de outra esquadra, e que não tivesse ordem de pelejar (como depois quizeram dizer) ainda que quizera entrar na batalha não tinha lugar; porque com as duas se começou de dar continua ba-

teria por popa, uma de uma quadra, e outra de outra, revezando-se e disparando se a artelharia de uma banda, em quanto a outra refecia: e a cercavam de tal maneira, que não houve em todo aquelle dia hora, nem momento, que no galeão não empregassem continuos pelouros, reforçados quasi todos ao lume d'agoa, recebendo delle pouco dano, por não trazer péça alguma em popa, como por não poder jugar da sua artelharia em fórma mui offensiva: porque como ia a balravento, e o inimigo por popa, era forçado para a sua artelharia fazer pontaria, atravesar-se, e destas guïnadas se desviava o inimigo como queria, porque lhe seguia a esteira quando sentia que se atravessava para dar bateria, e poucas vezes podia o galeão empregar sua artelharia, nem fazer com ella pontaria, sem se atravessar de todo, pela estreiteza das portinholas, e empacho da muita fazenda, com que as péças se não podiam bornear senão direitas, de tal modo, que para a pontaria, que a péça havia de fazer, convinha virar tanto o galeão, que lha suprisse, e desta maneira recebendo elle do inimigo por popa, e pelas quadras, continua bateria de sua artelharia, (que a seo salvo jugavam) se cerrou a noite, havendo alguns mortos e feridos no galeão, que ficou um crivo de pelouradas, e muitas dellas mui profundas, e por onde recolhia tanta agoa, que ambas as bombas de nenhum modo venciam: e nas vélas e enxarcia houve tanto estrago, e o masto grande passado por tantas partes, que se esperava que cahisse, pelo pouco beneficio que se lhe podia fazer em tal tempo, e foi necessario pôr na verga uns antigalhos, por se não vir abaixo, segundo estava a enxarcia. Com tudo isto se dobraram aos nossos novos cuidados, e muito maior trabalho naquella noite, em que não descançou algum, especialmente por acodirem ás bombas, vendo que tinham já

mais contra si o mar: por que neste dia o calafate Joseph Diniz andou embalsando pela parte de fóra a tapar buracos, estando por alvo dos continuos pelouros do inimigo, e com tanto animo, que admirava a todos, e posto que tapou muitos, havia muitos mais, e a que com a mareta se não podia chegar, por estarem profundos, nem por dentro era possivel chegar-se-lhe, por quão macisso vinha o galeão com fazenda.

Esta nova de se não poderem tapar os buracos, e das bombas não vencerem a agoa, entristeceo a muitos, vendo que a fortuna lhes punha já obstaculos e difficuldades, a que as forças humanas não bastavam remediar, e em especial, porque tambem o galeão pelo desconcerto das vélas e enxarcias dava já menos pelo léme. Deo-se fundo aos mortos, e curados os feridos como foi possivel, se concertáram as enxarcias, e se fizeram outras couzas necessarias, não cessando o cuidado das bombas, já naquelle estado mais importante, que tudo. O Capitão mór, vendo que o inimigo, com lhe ficar por popa, combatendo-o o não podia offender com a sua artelharia como couvinha, mandou abrir por popa duas portinholas, e arrombar para isso uns camarótes, e poz nella dous sacres, que se trouxeram de proa com assaz trabalho, pelo empacho do galeão, e por estar a gente tresnoitada, e cançada. E entendendo os nossos, que, depois de Deos, a sua salvação consistia em abordar o inimigo com elles, e virem ás mãos, ordenou o Capitão mór, que logo se fizesse uma bandeira vermelha, para que largada por popa em amanhecendo, entendesse o inimigo por ella, que tinha ainda muito que fazer, e que não levaria seo intento avante ás bombardadas, e lhe cumpria abordar o galeão, se o pretendia render, e se a tanto os obrigasse a cobiçada preza que delle esperavam

CAPITULO SEXTO

Do successo do sabbado, e fórma em que o galeão se rendeo

AMANHECEO o galeão ao sabbado na fórma que está dito, com sua bandeira vermelha por popa, da qual o inimigo parece sentio o para que se poz; e entendendo que convinha abordar o galeão, meteo nas vergas de ambas as naos combatentes uns contraláes com certos vasos de fogo, que mostravam tenção, e prevenção de quererem abordar o galeão, o que os nossos muito festejavam por cuidarem que viriam aos cabellos, como desejavam. E vindo nesta fórma um bom espaço, mudáram conselho, e tornáram a tirar os contraláes, e continuaram uma nova e terrivel bateria de artelharia, com que nesta manhã matáram e feriram algumas pessoas. Os do galeão não cessavam com os seos dous sacres, com que se enxergava que o inimigo recebia algum dano, porque se arredava mais. Porém o galeão fazia tanta agoa, que lhe eram as bombas já de balde, nem as diligencias do calafate, que por serem animosamente feitas, sempre foram de muito effeito, se o mar não andára tão picado, e o galeão já tão metido, de modo que não chegava aos buracos profundos.

Ajuntou-se a isto o grande estrago das enxarcias e vélas, dos muitos pelouros de cadea, disparados nellas de proposito, com que se arruinou tudo de maneira, que se não tinha a verga já, senão nos antigalhos. Quando se arrombou um paiol de pimenta, com a quase entupio a gala das bombas, e ellas de todo sem serl

virem para nada, com o que, e com a muita fazenda que a noite d'antes se tinha alijado ao mar, ficou o galeão desarrumado, e tão descompassado, que não governava, e com os balanços que dava, por andar o mar picado, ficou anhoto, e a mais da gente tão desconfiada da defensa, que se foram muitos ao Capitão mór, dizendo-lhe que já que a fortuna os tinha chegado áquelle estado, e irremissivelmente se ia o galeão ao fundo por momentos, lhe requeriam que se entregassem, e não permitisse que morressem todos ufogados, pois careciam de remedio humano para se poderem defender. O Capitão mór lhes respondeo que se lembrassem que eram portuguezes, a quem em semelhantes successos o temor da morte não fizera nunca perder o ponto da honra e obrigação de cavalleiros, e que esperassem pela noite, com grande confiança em Deos, que tinha muito que dar; porque tambem era de advertir, que os inimigos tinham disparado tanto numero de munição, que era couza impossivel terem já com que os offender, e que esta falta os obrigava a abordarem, ou largarem a preza. E com estas e outras palavras acommodadas ao estado em que estavam, os aquietou, animando-os, que cada um tornasse a seo officio, e que cerrada a noite alijariam muita fazenda, e desentupiriam as bombas, e que em Deos esperava que se haviam de defender com muita honra. E neste passo mostráram os fidalgos e nobres bem a galhardia de sua cavallaria, e sangue, ajudando ao Capitão mór muitos delles a aquietar aquella turba amotinada, e descorçoada, esperando todos que se se defendessem mais um dia, gastariam a munição, (porque elles não sabiam quão providos della estavam) e que depois bem se faria.

Quieto este motim, e tornando cada um a seo posto e obrigação, não bastou a sobeja constancia dos do

galeão a sustenta-lo sobre a agoa; porque claramente se enxergava que se ia ao fundo com os novos buracos que recebiam de contino. E desenganada a gente disto, que lhe balizava o costado por fòra, e por dentro, se levantou um susurro entre elles, e passada palavra que se iam ao fundo, tornáram com grande motim ao Capitão mór, levando comsigo o padre Frei Felis com um Crucifixo nas mãos, o qual lhe requereo em nome de todo aquelle povo, que pelas Chagas de Nosso Senhor Jesu Christo se quizesse entregar, attendendo ao estado em que estavam, e que se elle tão claramente queria perder a vida, não quizesse perder a alma, deixando morrer toda aquella gente, que outro remedio não tinham já senão entregar-se á disposição do inimigo. A estas e outras palavras, que naquelle passo o padre Frei Felis soube representar, respondeo o Capitão mor; — *Já V. R. tem muito bem cumprido com o officio de bom religioso e prégador agora deixe me a mim fàzer o de Capitão;* e pedindo a todos que se aquietassem, e lhe obedecessem como eram obrigados, lhe disse Manoel Ferreira, escrivão do galeão, que puzesse o negocio em votos. O negocio, respondeo elle, não é de votos, no estado em que estamos, maiormente quando se me péde pela maior parte da gente, que me entregue. Em este passo se chegou a elle o mestre Simão Peres, e lhe fallou á orelha, e como vinha de ver o porão, o não fallou em publico: colligiram que o desenganava que o galeão se ia ao fundo por momentos; e porque um dos que mais perto ficava ouvio uma palavra ao Capitão mór significadora disso, que era; *Pois ajudallo a ir*, e o mestre lhe tornou; *Pois logo Vossa Mercê quer morrer, pois se isso quer, tambem eu morrerei com elle.*

Estas praticas, ainda que eram entre ambos, estava a gente a ellas tão atenta, que colligindo o que

passava, levantáram a voz quasi todos, com grande motim: *Pois se Vossas Mercês querem morrer, nós queremos salvar as vidas, pois não aproveita pelejar, nem ha remedio de defensa.* E desobedecendo ao Capitão mór a maior parte da gente, se subio o motim ao capiteo, e por mais brádos e diligencias do Capitão mór, se lhe desobedeceo, e se largou por popa uma bandeira branca, por um official do galeão. A qual sendo vista dos inimigos, cessáram com a bateria e vieram a bordo delle, com suas lanchas, adonde o capitão mór não pode dissuadir a turba amotinada, que não désse pacifica entrada aos inimigos, (que elles já desejavam mais grangear por amigos, que escandaliza-los.) E dados refens, entrou o Capitão Cornelius até a varanda onde o Capitão mór estava retirado, vendo-se desobedecido, e acompanhado de alguns, que nunca o desacompanháram. Cornelius o salvou com as palavras costumadas entre capitães, vencedores e vencidos, e consolando-o, que se não agastasse, que eram successos de guerra, e da fortuna, e que por quão bem o tinha feito, elle lhe promettia em nome da sua Republica toda a fazenda que trazia no galeão, e que lhe entregasse logo o livro da carregação, e as vias, regimento, e mais papeis que trazia, com toda a pedraria. Antonio de Mello lhe respondeo: *Esse partido, Capitão, fazei vós com os que vos entregaram o galeão, e vos chamaram, e deixaram entrar, que eu não hei mister mercês vossas, nem da vossa Republica, que Rei tenho para mas fazer; nem eu tenho para que vos entregar nada, porque me não dou por vencido, senão quando vós me abordares, e renderes pelas armas.* A esta reposta voltou o olandez colerico ás suas lanchas, dizendo: *Ainda tu Capitão não queres?* e levando ás suas naos as pessoas que tinha nas lanchas em refens, tornou a voltar trazendo gente sua armada. O que ven-

do o Capitão mór, e que sua gente já não tratava das armas, nem havia lugar de outra couza, tomou as vias, e o livro da carregação, e bom golpe de pedraria, e atando tudo, elle com Ruy Pereira, e com o mestre Simão Peres, lhe deram fundo com uma corja de porcelanas, estando outras pessoas presentes na varanda, que se espantáram do perigo a que se punha, visto o que passára com o olandez, e elle os satisfez com dizer que perecesse embóra a sua vida, e não perecesse um ponto de sua obrigação, nem quizesse Deos que os inimigos soubessem os segredos de Sua Magestade pelas suas vias, que botáram no mar, e que dos que presentes estavam os que escapassem e fossem a Portugal, seriam testumunhas de como se houvera naquelle particular.

Entrando Cornelius com sua gente d'armas no galeão, tornou-se á varanda, e sabendo que não havia vias, nem livro de carregação, e o que o Capitão mór fizera, colerisou se muito contra elle, e o tratou com muitos disprimores, e o fez logo passar á sua nao com seo filho Francisco de Mello, que estava muito mal das feridas, e pedindo-lhe todos os mais papeis que tivesse, e pedraria, o Capitão mór lhe respondeo que elle nem papeis, nem pedraria tinha que lhe dar, que no galeão estavam, que o buscasse elle, e que só uma couza lhe pedia, que muito estimaria, pelo que ia nisso, que era o seo regimento, pois elle era Capitão, e sabia a obrigação que elle tinha de mostrar que guardára a ordem que se lhe déra, e que quando o não quizesse dar, que Sua Magestade teria a isso respeito, para a descarga, que lhe era elle Capitão mór obrigado a dar. Cornelius lhe disse que se embarcasse, e que elle lhe promettia de lho dar, (como de feito lho mandou dar na Ilha de Fernão de Noronha, deixando em sua mão o treslado autentico pelos seos

escrivães,) e o fez embarcar e passar á sua nao com seo filho, e com outros que lhe pareceo devia de tirar do galeão. E feito isto começaram logo amigos e inimigos a trabalhar sobre o remedio do galeão, com quantos meios lhe foram possiveis até que se cerrou a noite, que os inimigos não quizeram esperar no galeão, não se havendo por seguros nelle; e retirados ás suas naos, ficáram os nossos tão atemorizados aquella noite de se soverter o galeão, quanta era a razão que para isso tinham. E não sossegando até pela manhã, consistia o seo repouzo das cançadas noites e dias atrás, em alijar quanta fazenda podiam ao mar, e em outras diligencias que entendiam que lhes convinha, (que em taes extremos, tudo são traças por salvar a vida) e porque álem das informações que tomei particularmente por pessoas de credito, de que tirei o que tenho escrito, achei uma certidão de D. Pedro Manoel, que conta o successo desta batalha, até o galeão ser entregue, a qual enxeri aqui, e é a seguinte.

CERTIDÃO

«Partindo Antonio de Mello de Castro, Capitão mor das naos do reino, desta Ilha de Fernão de Noronha em um batel para o Brazil, para negociar remedio á gente da nao Santiago, que os olandezes deitáram na dita Ilha, por ir muito doente, e arriscado na embarcação, me pedio uma certidão do procedimento que na dita nao se tivera com os olandezes na peleja que com elles teve. O que passou na fórma seguinte.

Vindo a dita nao demandar a Ilha de Santa Elena, confórme a ordem e regimento de Sua Magestade, e descubrindo o porto da dita Ilha, vimos nella tres nao de cossarios olandezes, com muitas bandeiras e estens

dartes. E indo o Capitão mór com a dita nao Santiago, prestes na melhor fórma que pode ser para se defender e offender, poz a proa na ponta da Ilha, onde chamam o Esparavél, que era o lugar em que o regimento de Sua Magestade mandava que surgisse. E antes de chegar a elle se fizeram á véla do dito porto de Santa Elena duas naos dos inimigos: e vindo na volta do mar, vieram a surgir quasi a um tempo no Esparavél, muito junto á dita nao Santiago, começando-se entre todos uma brava bateria de bombardas, com muita ventagem dos inimigos, assim pela fazerem na differença da artelharia, por terem muitos canhões de bater, e muito maior quantidade, como pelas muitas munições extraordinarias com que nos combatiam; e assim passou todo o dia, até que ao seguinte de madrugada nos fizemos á véla, por poder pelejar no mar e atravessar a nao, o que surtos não podia ser, e os inimigos nos combaterem pela proa, onde não tinhamos artelharia com que os offender. Finalmente no dito dia, e nos dous mais que durou a peleja, o dito Capitão mór cumprio com seo cargo, como de tal pessoa, e tão experimentado na guerra se podia esperar. E no ultimo dia sendo a nao de todo desaparelhada de enxarcia, vélas, ostagas, e estar tudo cortado, o mastro grande passado por muitas partes, tendo-se a verga sómente nos antigalhos que lhe puzeram, e sobre tudo não se podendo vencer a agoa que fazia das muitas pelouradas. E vendo a gente e officiaes da nao, que se iam ao fundo, requereram todos ao dito Capitão mór que se rendesse, e não permittisse morrerem todos brevemente afogados. Ao que respondeo que esperava em Nosso Senhor que tudo teria remedio, que pelejassem como tinham feito, e que esperassem a noite, na qual alijariam tudo o que fosse possivel ao mar, e não lhe ficaria nada por fazer, e que confiava na

misericordia de Deos que se haviam de defender; animando-os com todas as mais palavras em tal tempo necessarias; e porque expressamente todos os officiaes disseram ao Capitão mór, que não tinham nao, e que se ia ao fundo, foi requerido por muitas pessoas que tomasse vótos, e puzesse o negocio em conselho, ao que respondeo que não resolutamente, e que não havia para que tomar votos, nem era materia de conselho, senão de nos lembrar que eramos christãos e portuguezes, e nossas honras, e que era a nao de Sua Magestade, e que em se render se perdia muito mais, que em morrerem todos afogados, ou espedaçados da artelharia, que ainda havia muito que fazer, que ninguem desamparasse a dita nao, nem deixasse seo posto. Ao que se replicou geralmente, e algumas pessoas em particular, que se sua Mercê queria morrer, que elles não queriam, pois se iam ao fundo, não havendo já neste tempo quem fosse ao léme, nem cadeira, estando a nao no maior extremo a que podia chegar. E com a reposta do dito Capitão mór se subio muita gente ao capitéo, e se poz uma toalha, ou bandeira branca, chamando aos inimigos, sem valer ao Capitão mór brádar que lhe não desobedecessem; dizendo e fazendo todos os officios que um valeroso Capitão, cercado de tantos trabalhos, podia fazer. E por tudo passar na verdade, o certifico pelo juramento dos Santos Evangelhos, e assinei aqui no derradeiro de Abril de 1604.»

D. Pedro Manoel

CAPITULO SETIMO

Do lamentoso successo do domingo, e do estado em que estava o galeão

Ao domingo tornáram os inimigos ao galeão para ver se o podiam remediar, e mandando a nove calafates, em que entrou Joseph Diniz, e oito olandezes, embalsados por fóra do costado, a tapar os buracos a que pudessem chegar, com que o galeão estava feito um crivo; a mais gente portugueza e olandezes entenderam em alijar fazenda ao mar, com toda a outra couza que lhe pareceo pezada; e porque as bombas estavam entupidas, se ordenáram muitos gamótes pelas escotilhas, que suprissem a falta das bombas. Os quaes gamótes tinham tambem grande impedimento na multidão de cocos que se vieram acima d'agoa, e impediam encherem-se, e dobravam o trabalho aos que nisso se occupavam: e nem com trabalharem nesta fórma, uns pela vida, e outros pela preza, bastou para remediarem o galeão, que cada vez se sovertia mais, pelas muitas e profundas bombardadas que tinha, que nem por fóra nem por dentro se lhe podiam tapar. Até que desesperados os inimigos de algum remedio: parecendo-lhes que se se detivessem mais no galeão, se podiam com elle soverter, chamáram pelas suas lanchas com toda a pressa, e lançáram-se a ellas com tanta presteza, e tão sesacordados, que cahiram dous delles ao mar, e se afogaram.

Aqui se vio um terrivel espectaculo, porque vendo os portuguezes a presteza com que os inimigos largavam a preza, por não perderem com ella a vida, entráram em grande e desesperado temor, e largando

os gamótes e serviço que faziam, uns se despiam, outros vestidos arremettiam aos bordos do galeão, e postos pela parte de fóra, pelas mezas de guarnição, e pegados ás enxarcias, pondo os olhos no ceo, o rasgavam com gritos, pedindo a Deos misericordia, e acrescentando com lagrimas as agoas do naufragio em que se viam. Alguns se lançáram ao mar apoz os olandezes, os quaes elles matáram cruelmente, como gente inhumana carecente de fé e caridade christã. Foi um destes mortos o pobre do calafate Joseph Diniz, que naquelle successo tinha trabalhado com mais animo, que de calafate. Ao escrivão do galeão feriram mal, e assim ferido se lhe pode meter na lancha, e deitando-se nella como morto, em quanto elles se occupavam na morte dos mais, ficou alli com vida. Afastados os olandezes com as lanchas do bordo do galeão, quanto bastou para lhe não saltarem nellas, encaravam as armas a todo o que isto commettia, e detiveram-se alli um pouco, por algumas vozes que delle ouviam (que tomassem pedraria.) E a alguns que lhe mostravam bisalhos della, tomavam, e a todo o outro que commettia entrar, matavam cruamente Vendo o mestre Simão Peres que o negocio ia por aquella via, mostrou-lhes o apito de prata com sua cadea, e por elle o tomaram.

Ia neste galeão um bombardeiro chamado Vicente Fernandes, fugido deste reino para se ficar na India, temendo ser enforcado, por um homem do termo, que matou mal, a S. Sebastião da Pedreira de Lisboa. Vendo este que os olandezes não tomavam senão quem tinha pedraria, determinou de se arremessar nas lanchas, de cima da varanda, quando se largassem, e preparassem por popa: para isso atou nella uma corda em que se embalçou com taes voltas e laços, que ao tempo que se quiz lançar em umu lancha, se lhe em-

baraçou a corda no pescoço, de modo que ficou por ella enforcado, e estando perneando com a morte, lhe não quizeram os olandezes valer, e se afogou, e morreo enforcado com as suas proprias mãos, permittindo o Deos assim por seos secretos e justos juizos. A mais gente quando vio que os inimigos não tomavam senão a quem lhes dava pedraria (que poucos tinham,) e aos outros matavam, entravam em maior desesperação da vida, e com uma triste desconsolação, postos nús por fóra do costado, esperando por momentos gostar a amarga morte, davam desesperados gritos, pedindo misericordia aos inimigos, que claramente os ouviam, e nenhuma piedade tinham delles.

O Capitão mór Antonio de Mello não podendo sofrer aquelle triste espectaculo, em que via estar a sua gente, se foi ao Capitão Cornelius, e lhe disse, que já que o soubera vencer com tanto valor, o soubesse mostrar em se apiedar daquella gente christã, que via ir ao fundo diante de seos olhos, pedindo-lhe misericordia. A esta petição tão pia acudio um olandez (que alguns dizem ser Lourenço Bique feitor daquellas naos) e pegando pelo cabeção ao Capitão mór, lhe deo um abano, dizendo-lhe: «Não peçais tal, que não queremos dar vida a inimigos, e vós os haveis de ir tambem logo acompanhar ao fundo, pois que podendo-vos render em tempo, os deixastes chegar áquelle estado». O Capitão mór parece, que como quem já estimava mais morrer com os amigos, que viver entre taes inimigos, lhe respondeo: «A maior mercê que me podeis fazer, é mandardes-me meter entre elles, onde eu bem desejei acabar antes a vida, que ver-me a mim, e elles como vejo». Os do galeão assim trespassados, vendo se na infelice hora da morte, que por momentos esperavam, por o galeão estar já tão metido, e cheio de agoa, que parecia milagre não se soverter;

e desesperados de acharem piedade em hereges cégos em tudo, tiráram os olhos delles, e pondo-os com toda sua esperança no ceo, pedindo a Deos misericordia com grande confiança, se lhes cerrou a noite, e cobrando um novo animo, mais decido do ceo, que de suas forças, arremeteram uns aos gamótes, outros a alijar fazenda e artelharia ao mar, e rezando de continuo uma devota ladainha, acompanhada de lagrimas e suspiros, prouve a Deos ouvi-los, e que o galeão se tivesse sobre a agoa até pela manhã, que foi notavel maravilha, e grande confusão e espanto para os inimigos, no que lhe Deos mostrou bem que só á sua Divina Magestáde se ha de rocorrer em taes apertos, e pedir piedade, e misericordia.

CAPITULO OITAVO

Do successo da segunda feira

Amanhecendo á segunda feira o galeão sobre a agoa, que foi couza maravilhosa, e mais que ordinaria, e picados os inimigos da cobiça, parecendo-lhes que pois o galeão se não sovertera aquella noite, ainda poderia ter algum remedio, e quando não, tirariam delle alguma fazenda; tornáram a elle muitos para trabalharem, vendo que a nossa gente estaria já cançada, (como estava de tantas noites e dias de fadiga,) e entrando cortáram logo o masto grande, que tinham por muito pezado, e que não aproveitava para navegar com elle, por estar tão crivado e espedaçado, que não poderia esperar verga, nem véla, e cortado o lançáram ao mar, com verga, gávea, e tudo, e apoz elle alijáram muita fazenda, com assaz

cruelmente dos inimigos, com todos os disprimores possiveis, que se não pudéram esperar de gente barbara; e antes de os lançarem em terra, elegeram dous olandezes que entenderam que eram para aquelle effeito apropriados, os quaes foram passando aos nossos um e um pela busca do corpo, e vestidos, por verem se desembarcavam com alguma pedraria, ou péça de ouro: e digo pela busca do corpo e vestidos, porque não sómente os despiam e descalçavam, e davam busca pelos vestidos, e partes exteriores, mas ainda pelas interiores, até lhe meterem por ellas os dedos, e contra sua vontade lhe faziam beber um copo de vinho para lançarem da boca alguma pedra se nella a levassem; e só o Capitão mór Antonio de Mello por mais honestidade o buscáram dentro em um camaróte, e os proprios capitães olandezes o descalçaram e o buscáram sem lhe acharem couza alguma; e o que os nossos mais que tudo sentiram, (e com razão) foi o estrago que estes hereges fizeram em algumas imagens que alcançaram á mão, e vestiram-se por ludibrio em uma casulla sagrada, que no galeão vinha, fazendo farça do trage, procurando com grande gosto que até este opprobio os portuguezes tivessem para mais os magoar: o que a Divina Magestade sofre em semelhantes occasiões pelos respeitos a seo culto, e justos juizos notorios. Differente termo teve Francisco Draque, capitão inglez, com ser Lutherano, quando por batalha rendeo a nao da India S. Filippe, (com nove naos com que andava entre as Ilhas dos Açores) da qual era capitão João Trigueiros; porque trazendo-lhe da nao um Crucifixo de ouro, o tomou, e lhe tirou o barrete dizendo, que à sua religião lhe defendia adoração das imagens, e como aquella era de Christo, e de ouro o poderia obrigar ao que se lhe defendia: que lhe parecia, por se tirar

de duvida, lança-lo ao mar, e assim o fez, e a toda a gente da nao da India deo liberdade que de seus caixões levassem o que sobre suas pessoas pudéssem de vestidos, e que se lhe não impedisse, e assim houve homem, que sobre si levou dous vestidos, e pedraria, e outras couzas, e até colchas e alcatifas tirâram em vóltas em escravos, e quando desembarcáram na Ilha Terceira de uma urca, em que mandou lançar a gente, ataviada de todo o necessario, não pareciam roubados, senão que desembarcavam da sua nao com muito gosto; posto que o capitão João Trigueiros não quiz sahir senão com o seo vestido do mar, de panno de Portugal, como quem tinha razão de sentir o successo. E parece que se quiz nisto haver Francisco Draque com esta gente com tanto primor, havendo que lhe bastava uma tão grande preza, para não cobrar nome de pirata formigueiro, como fora se a despira, e fizera o que fizeram os olandezes.

Não hei de deixar de tocar a este proposito, outro primor, quanto a mim bem digno de ser contado, que usou o Conde Chiumber Land inglez, andando com umas suas naos entre as mesmas Ilhas, onde tomando uma urca que ia de Lisboa para a Ilha Terceira, em que entre outros passageiros ia Ventura da Mota meirinho geral dellas, com sua mulher e filhos, em uma camera da urca com muito fato seo. Sabendo-o o Conde *ante omnia* ordenou que um capitão seo de confiança fosse diante á urca, e lançasse na camera em que ia aquella mulher nobre, um cadeado, e que cinco palmos da porta da dita camera não chegasse inglez algum, nem se lhe tocasse em fato, que dentro tivesse, e fizessem conta que dentro na dita camera não estava couza alguma, por muito que se entendesse que podia estar dentro, e assim se fez inviolavelmente; e não cumprio ao capitão o contrario por não passar

pelo que em semelhante successo passou o capitão Arpar, que o mesmo Conde em Porto-Rico mandou enforcar sem remissão, sobre uma mulher, que desacatou. De modo que a mulher de Ventura da Mota esteve, e se ficou em paz na camera fechada, com tudo o que nella tinha, e nem o rosto lhe vio o capitão, nem pessoa alguma, em quanto a urca se saqueou, e largáram: primores certo dignos de memoria de um Conde Lutherano, (que é magoa não ser catholico) e que o fazem tão famoso, como a Trajano ser justiçoso, se não fora perseguidor da Igreja. E tornando a nosso proposito, foram os do galeão Santiago lançados naquella Ilha de Fernão de Noronha, buscados, e despojados, (como dito é) sem cama nem couza com que pudessem reparar a vida, e só a Francisco de Mello de Castro déram uma alcatifa, em que fosse levado, e deitado, por estar muito mal das feridas, e a todos os escravos que vinham no galeão déram liberdade, e leváram comsigo para Olanda os que se quizeram ir com elles.

CAPITULO DECIMO

Do sitio e qualidade da Ilha de Fernão de Noronha, e o que nella passou a gente do galeão Santiago, e como foi ter ao Brazil, e dahi a este reino, e como Sua Magestade tomou a perda e successo do galeão

DESEMBARCADA a nossa gente na Ilha de Fernão de Noronha, se fez nella rezenha da gente, e se achou que dos nossos morreram na batalha e successo della quarenta pessoas, sendo a maior parte escravos, e dos olandezes morreram dezoito. Es-

ta Ilha está em tres gráos e dous terços do Polo Antartico, dista da Cósta do Brazil oitenta legoas, e alguns querem que cento; é pequena, aspera, e pedragosa, tem alguns regatos de agoa muito salobra e ruim, e alguns arvoredos silvestres, e nenhuns de fruto, e muitos de algodão, e não ha nella hervas algumas de comer; tem gado vacum, cabras, e porcos, tudo bravo, e nenhum domestico; tem muitos passaros marinhos, e muitas rollas, mais pequenas que as que arribam a Hespanha. Estavam treze ou 14 escravos pretos, machos e femeas, e com elles um homem branco portuguez por feitor. Eram todos bautizados, christãos no nome, mas carecentes de Sacramentos, e pasto espiritual, e tambem de toda a caridade, pela pouca ou nenhuma que nelles achéram os nossos roubados, por mais que lhes viram padecer necessidades.

Desembarcados nesta Ilha, cada um se acommodou como pode, fazendo chóças de ramos, e camas de feno, apanhado tudo á mão, porque não tinham ferramenta alguma. Déram-lhe os olandezes obra de um moio de milho pilado em barris, que era de sua matalotagem de Olanda, e um barril de arrôs, e um pouco de biscoito podre, e um quarto de vinagre, sem mais outro mantimento, e ainda para darem isto, foram muito instados dos nossos muitos rogos, lembrando-lhes que só dos mantimentos do galeão se podiam prover a si até Olanda, e elles até Hespanha, e sobejar, e para cozerem o milho lhes déram quatro caldeirões, dos muitos que no galeão havia. Com este milho cozido, sem mais manteiga, nem azeite, passavam os nossos, e com tanta regra e provisão padeciam á fome, porque o gado era muito bravo, e o não podiam matar, e pedindo para isso uma espingarda aos olandezes, lha negáram, dizendo que a sua lei lhes defendia que não déssem armas a inimigos. Foi ne-

cessario aos nossos fazerem muitos mimos ao feitor, que estava na Ilha com os negros, pedindo-lhe que os não desamparasse, parecendo-lhes teriam nelle abrigo; e porque não tinham que lhe dar, lhe prometteo o Capitão mór vinte cruzados por seo assinado, de lhos pagar no Brazil, (como depois pagou) se lhes quizesse mandar pescar peixe pelos negros, e elle o fez pezadamente alguns dias, levado do interesse, até que disse que se lhe gastavam os anzões que tinham, sem terem ordem de matar uma rez, até que souberam que o feitor da Ilha tinha um arcabuz sem serpe, e uma pouca de polvora, com a qual Simão Ferreira matou tres vacas, apontando elle, e pondo-lhe outro o fogo com um tição: e tomáram á mão um bezerrinho, porque vendo a mãi mórta, não se quiz ir de cima della, até que chegáram, e o tomáram. Desta carne se fez muita provisão, porque não havia mais polvora, vendo-se com tão pouco mantimento, e já desenganados dos olandezes, que lho não haviam de dar, se entregou o que havia a Balthazar de Barbuda, com juramento de o dar por grande regra.

Neste aperto acabáram com os olandezes que lhes déssem ferramenta, e havia muitos para fazerem um barco, em que mandassem ao Brazil pedir embarcação; o qual barco se fabricou com grande trabalho, pelo máo aviamento que tinham, e em quanto o ordenavam, os olandezes entendiam em baldear nas suas naos muita fazenda do galião, e em o calafetarem, e lhe fazerem masto de umas entenas das suas naos, as quaes concertáram do dano da batalha, e andando nestes concertos viram ao mar uma nao, que cuidáram ser da India, e houve entre elles grande alvoroço de irem a ella, com tenção de a tomarem, mas ella os tirou desse pensamento, porque se foi governando ao Sul, e desapareceo antes delles fazerem véla,

do que se mostravam em extremo magoados, dizendo que lhes escapára outra nao da India.

Padeciam os nossos nestes dias grandes necessidades, que não podiam remediar, por não terem com que matar gado, nem peixe, nem passaros, senão uns que eram chamados rabiforcados, da feição de minhotos, que se mantem de peixe, e eram por isso de malissima carne, e de tal natureza, que se não deixavam depenar, senão esfolar como coelhos: destes ha muitos, e nos primeiros dias esperavam que os tomassem com a mão sem fugirem, de tal maneira, que trepando-se um homem com um páo na mão sobre uma arvore, em que estava grande quantidade delles, ás pancadas derribou quarenta e oito mórtos, e mais matára se lhe não foram á mão os companheiros. Outro homem deo no campo com um páo num destes passaros, e grasnando elle com a dor da pancada, lhe acudiram tantos, que se não podia o homem valer, e por se defender delles matou doze. Não durou muito esta facilidade de tomar estes passaros, porque pondo elles cobro em si, se fizeram ariscos, não se deixando tomar, nem com o páo; o que deo cuidado áquella gente, porque se não eram estes passaros, não tinham com que passar, por a terra ser muito esteril, sem fruta, nem herva de comer; e quando em maior cuidado estavam, começáram os campos de brotar baldroegas em quantidade, e cresceram brevemente, das quaes faziam pasto, cruas, e cozidas com os passaros, e como cada um podia, ajuntando a isto alguns caramujos, de que havia boa quantidade, como tambem a havia de caranguejos, que criavam e habitavam em terra, fóra do mar em covas, por cuja razão tinham grande asco delles, e os não podiam comer.

Ha tambem naquella Ilha grande quantidade de ratos, que tem os pés tão curtos, que não andam, nem

correm, e o seo fugir e meneio é em saltos como pulgas, e assim os matavam facilmente, e houve pareceres, que os não matassem, e os poupassem para comer, se tal fosse a necessidade a que receavam chegar. Ajudavam-se tambem de algumas tartarugas, que tomavam de noite ao longo das praias, sahindo ellas á terra a pôr seos ovos, como tem por natureza, e como fazem as hémas, que os põem, e encovam na area, e nunca mais os vem, e alli a naturera os chóca, e tira as tartarugas, e as hémas, que por si depois se criam. Destas tartarugas tomáram algumas tão grandes, que não podiam dous homens fazer mais que levar um quarto de uma. Tinham havido á mão um pouco de milho zaburro, do feitor da Ilha a troco de camizas, que lhe déram ; assentou o Capitão mór que o semeassem, porque se tal fosse sua dilação naquella Ilha, recolhessem a novidade, e assim o fizeram, e todo o dia o vigiavam dos ratos, e de noite com fógos acezos, e fachos, que só para isso faziam, e quando se embarcáram ficava já o milharal muito fermoso.

Destas más comidas, e da maldade das aguas daquella Ilha vieram a inchar alguns dos pés, e outros a enfermar de febres e sezões, como foi o capitão mór, para o qual se houve do feitor da Ilha uma gallinha a troco de camizas, sem os olandezes lhe quererem dar uma das muitas que ficaram no galeão ; e porque esta gallinha em chegando acertou de pôr um ovo, pareceo que a não matassem em quanto puzesse, e se aproveitassem do ovo para o Capitão mór, e para seo filho, que estava muito mal das feridas : e assim se fez muitos dias, tendo por ordem de Domingos Pereira, criado d'El-Rei, que não désse o ovo, senão a qual delles visse que tinha maior necessidade delle. Estando nestes extremos fabricando o seo barco a toda a pressa, lhe escreveram os olandezes uma carta,

cuja cópia me pareceo pôr neste Tratado, com a propria lingoagem, e ortografia, e é a seguinte:

CARTA

Senhor Capitão mór Vm. ha de saber, que havemos aqui entendido, que D. Felippe, que andou alguns dias passados com uma cadeia de ouro, o qual ha visto nosso gente, que foi a terra, que não nos apparecer bem, não por valia de cadeia por senão por fanfalaria, que fez em na trazer o dito cadeia, e faça-me mercê de mandalla, essa que se tem visto. O portador desta, que he o mestre Simão Peres, mando dous mastos, e cabo para a estoupa. O qual não houveramos de mandar, senão fora por pedimento do dito Simão Peres, e que elle anda sempre suplicando aos senhores Capitães; a 21 de Abril, da nao Jelandia, anno de 1602.

El Escrivano.

A esta carta respondeo o Capitão mór, que de tal cadeia se não sabia parte, nem a viram, e logo dahi a cinco dias escrevèram outra carta, cuja copia se segue, na fórma em que está.

SEGUNDA CARTA

Capitão mór, e aquelle portuguez, que aqui está por guarda desta Ilha, ande saber, que havemos sofrido até hoje, que não nos tem mandado nenhuma cabra, nem uma vaca, pelo que avisamos a Vossas Mercês, que não queremos esperar

mais, em vindo este nos mandem vacas, e cabras, e se assim não fizerem, nós mandaremos nosso gente com armas, para que as tomem por força, e faremos todo o mal e dano, que poderemos, assim na terra, como no demais, e queimaremos o barco, que temos mandado fazer, por onde o que se póde fazer por bem procurem Vossas Mercês, que não hajam de fazer por estes termos, e seja a resposta desta as cabras e vacas, e não por cartas, que assim convem. Deste nao Jelandia hoje 26 de Abril de 1602 annos. Por mandado dos nossos Capitães.

El Escrivano.

A esta carta respondeo o Capitão mór, que a elles lhes não faltava já por fazer mais, que executarem as ameaças daquella carta, que fizessem o que lhes désse gosto, porque elles nem vacas, nem cabras tinham, nem com que as matar, por serem mui bravas, e por isso pereciam á fóme. E porque acabemos com os olandezes, depois de gastarem nesta Ilha muitos dias em se aparelharem para a viagem, e tendo passados ás mais naos a maior parte da fazenda do galeão, de que se não fiavam pelo estado em que estava, se partiram com elle na volta de Olanda, levando comsigo muitos escravos, que se com elles quizeram ir, e alguns marinheiros forçados. E a um florentino chamado Francisco Carlete, que tendo ido á India, por via das Filippinas, vinha neste galeão com muita fazenda, e encomendas de muito preço, que elle dizia serem do seo Grão Duque, com cujas armas trazia muitas péças, e allegava aos olandezes que lhe não podiam tomar a dita fazenda, por ser vassallo do Duque de Florença, e altercadas as duvidas, se foi com elles a Olanda, confiado em que se lhe havia de tornar toda sua fazenda, e houve grandes dares e to-

mares se o levariam, ou não. Aos marinheiros que levāram forçados, prometteram de lhes dar suas fazendas em Olanda, e lá zombáram delles.

Acabado o batel, que os nossos com trabalho puzeram em perfeição, e tão bom, e bem acabado, como de tal lugar se não esperava, ajuntou o Capitão mór a sua gente, e lhe poz em prática, que escolhessem o mais acertado, de quem havia de passar naquelle barco ao Brazil a procurar embarcações que os tirasse daquelle desterro, e que se quizessem que elle fosse, e levasse comsigo a seo filho Francisco de Mello, pelo estado em que estava, iria de boa vontade, ou que elegessem quem fosse. Ao que respondeo por todos o padre Frei·Felis, que eram de parecer que elle Capitão mór fosse, porque com sua authoridade seriam do Brazil mais presto soccorridos; porém que seu filho Francisco de Mello havia de ficar com elles, para com lhes deixar tal penhor se espertar mais em lhes acudir: ou que inviasse seo filho, e ficasse elle. Em resolução o Capitão mór se embarcou com D. Pedro Manoel, e com o mestre Simão Peres, e o piloto Ramos, e alguns marinheiros, deixando aquella gente com a esperança de suas vidas, depois de Deos, postas naquelle barco chegar a salvamento, e elegeram por seo capitão a Francisco de Mello, em auzencia de seu pai, e na noite seguinte tornou o barco a arribar, porque fazia tanta agoa, que se ia ao fundo. Tornou a ser calafetado, e breado de novo como foi possivel, pelo pouco breu e estopa que havia, e por o Capitão mór quando se embarcou ir mal convalecido, recahio de modo, que não pareceo se devia tornar a embarcar, e foi só D. Pedro Manoel com o mestre e piloto, e marinheiros, e deo-lhe Deos tão bom successo, que ao segundo dia viram a terra do Brazil, e tomáram o Porto de Paraiba donde D. Pedro Manoel

avizou ao governador Diogo Botelho, que estava em Pernambuco do a que ia. E o governador com grande diligencia fez expedir duas caravélas, aviadas do necessario, a buscar a gente da Ilha, até onde puzéram oito dias, por ser contrario o vento. Recolheram a gente com assaz alegria, que não esperavam tão breve soccorro. Embarcáram-se todos dando fim áquelle desterro, mas não aos trabalhos, porque apartandose as caravélas, com o tempo, a do Capitão mór vio terra por lugar que não foi conhecida, e lançado ferro onde se via uma cruz, sem o barco poder ir a ella, por estar o mar roleiro de travessia, prometteo o Capitão mór cincoenta cruzados a quem se atrevesse ir a nado reconhecer a terra, como foi um soldado, que sabia a lingoa dos brazis, o qual saindo a nado em terra ficou nella, porque aquella noite apertou tanto o vento, que quebrou a amarra á caravéla, e a constrangeo ir na vólta do mar, e o mesmo fez em outra parte á outra caravéla, que tambem deixou em terra a D. Manoel de Lacerda, e João Pereira, os quaes caminhando atrás, foram ter com o Capitão mór ao Rio Grande, onde ambas as caravélas se ajuntáram, e onde veio ter o soldado, que ficára em terra a noite passada, contando os trabalhos que passára em escapar aos brazis, que lhe occorreram. As caravélas se partiram dalli para este reino, sem trazerem ninguem comsigo, por falta de mantimento, que não tinham mais que para sua provisão.

Neste Rio Grande, que dista da Paraiba quarenta legoas, se vio esta peregrina gente em aperto, por falta dc mantimentos, que não havia, nem os soldados que alli residiam naquelle Rio, os tinham para lhos darem, antes padeciam necessidade. Acháram na nova Cidade de Santiago, que alli se principia, e tem já tres cazas de pedra e cal, a D. Beatriz de Menezes

mulher do Capitão dalli, João Rodrigues Colaço, que naquelles dias era ausente, e ella os agazalhou e proveo com grande caridade como lhe foi possivel, e de tal modo, e com tanta honra, que suprio a falta que a ausencia do Capitão seo marido podia fazer. Por aldeas deste Rio, e nova Cidade andavam na conversão do gentio dous padres da Companhia de Jesu, que com sua santa doutrina e religioso exemplo tinham feito muito fruto naquelle gentio, com ser o mais bruto e inconstante do mundo todo, como elles costumam fazer em toda a parte. Alegráram-se em extremo os padres de ver aquella gente, desejando mete-los a todos na alma, compadecendo-se em extremo de seo trabalho, e máo successo da fortuna, agazalhando-os com grande amor e caridade com tudo o que lhes foi possivel, e no sitio em que estavam se compadecia, até lhe darem dous cavallos, que levavam para o caminho. Dalli caminháram para Pernambuco, que são sessenta legoas, onde estava o governador, e passáram pela Paraiba, que dista do Rio Grande quarenta legoas, e trinta de Pernambuco; pelo caminho passáram muitos trabalhos, por não ser seguido, e pelos rios e atoleiros grandes em que davam, que passavam lançando nelle muitos troncos, e ramos de arvores, e para os dous cavallos passarem, os atavam de pés e mãos, e como mortos os iam arrastando por cima da tranca e rama até a outra parte, onde os tornavam a selar. O Capitão mór ia tal das sezões e febres, que tomava por refrigerio para matar os ardores das calmas e febres, meter-se nos rios até o pescoço.

Chegados a Pernambuco, o governador Diogo Botelho os agazalhou a todos mui francamente, e com tanta honra e liberalidade, que parecia quere-los restaurar das mágoas e trabalhos passados, provendo-os de todas as couzas necessarias abundantemente, e ves-

tindo a todos os que queriam vestidos, daquillo que elles queriam e pediam, e até de veludo vestio algnns, consolando-os de seos trabalhos com um amor e grandeza de animo magnanimo, e a todos embarcou para este reino providos do necessario, em differentes embarcações, que cada um escolhia como melhor lhe parecia. E no mar ainda foram alguns tomados de inglezes, em especial D. Pedro Manoel, que experimentou ainda mais aquelle toque da fortuna, com animo prompto a outros maiores. O Capitão mór foi ter a Galiza, donde veio por terra a Lisboa muito enfermo, e em chegando foi notificado por um corregedor da parte de Sua Magestade, não entrasse na corte de Valhadolid sem sua liçença: que parece que quiz Sua Magestade, em razão de estado, saber primeiro de seo procedimento, e como se tomára o seo galeão; sobre que mandou tirar devassa pelo doutor Melchior de Amaral do seo conselho, e Desembargo do Paço, e pelo que della constou, escreveo Sua Magestade a D. Christovão de Moura Corte Real Marquez de Castel-Rodrigo Viso-Rei, e general destes reinos, em carta de 15 de Julho de 1603 o capitulo seguinte.

Vi a consulta do Desembargo do Paço, sobre a perda do galeão Santiago, em que vinha por Capitão mór Antonio de Mello de Castro, e o parecer do doutor Melchior de Amaral com a nova devassa, que tirou por meo mandado, do mesmo successo para se saber dos culpados, e com ella me confórmo, ficando muito satisfeito do bom procedimento do dito Antonio de Mello, e de ter elle cumprido com a obrigação de seo officio, e com a que tinha a meo serviço, conforme a confiança que delle fiz, quando o escolhi para esse cargo (o que lhe direis de minha parte,) e porque em quanto se averiguava esta verdade, pelo muito que importava a meo serviço, se lhe impedio de minha

parte, que não entrasse nesta corte, o que agora cessa, por não resultar contra elle culpa alguma, antes prova mui bastante de me ter servido bem na dita occasião, lhe direis tambem, que livremente póde vir a ella quando lhe parecer, e tratar de suas pretenções, e que nellas terei lembrança de lhe fazer mercê, confórme a seo serviço, e á satisfação que tenho de sua pessoa, &c.

A qual carta copiei aqui, para que se veja o modo que Sua Magestade teve de honrar ao seo Capitão mór, por termo tão extraordinario, poucas vezes visto em semelhantes occasiões, que parece que se andáram buscando palavras com que lhe agradecesse o zelo que mostrou a seo serviço: que assim o ordena Deos com todos os que singellamente desejam acertar em suas couzas, como se prova bem que desejou Antonio de Mello, em quem toda a honra de Sua Magestade foi bem empregada por seo valeroso e honrado procedimento; e posto que El-Rei Nosso Senhor teve tenção de mandar castigar e proceder contra os que se mutináram e entregáram o galeão, desobedecendo ao Capitão mór; com tudo sendo certo do estado em que já estava naquelle dia, pareceo que já não estavam obrigados a mais. Pelo que houve por bem que cessasse o castigo, que se ia começando, havendo que todos chegáram ao termo do que eram obrigados, e cumpriram com sua honra como deviam.

CAPITULO UNDECIMO

Do horrendo espectaculo, batalha, e successo da nao Chagas Copitania da carreira da India, que ardeo entre as Ilhas dos Açores no anno de 1594

Pelo que fica dito do galeão Santiago, se póde colligir a causa de sua perdição, que cada um julgue a seo arbitrio, e considere os trabalhos e miserias que padeceo aquella gente, e os máos tratamentos que lhes fizeram os olandezes, depois de rendidos, que é couza que barbara nação não costuma fazer. No que bem se manifestátam serem inimigos capitaes da nação portugueza, e taes se mostráram já na queima da nossa cidade de Faro, que póde ser não succedera, se naquella armada não vieram olandezes. Sendo esta nação olandeza a que melhores obras recebeo sempre deste reino, que todas as outras nações. Mas basta serem hereges, cegos, e errados, rebeldes á Santa Madre Igreja, e a seo Rei e Senhor natural, para não haver que fiar delles, e haverem os nossos, que cahindo nas suas mãos, cahem nas dos maiores inimigos, que a nossa nação tem. E imitem antes os valerosos e memoraveis cavalleiros, que combatendo na nao Chagas contra os inglezes, morreram abrazados, e afogados, antes que entregarem-se-lhes, como logo veremos brevemente, e a causa porque se perderam é vinda da India tres naos juntas no anno de 93 cujo Capitão mór era Francisco de Mello irmão do Monteiro mór deste reino, e como esta Capitania com a gente de duas naos de sua companhia se vio no mais horrendo espectaculo, que já mais aconteceo, não digo eu em nao da carreira Oriental, mas não sei se em outra alguma depois que ha navegação pelo Ocea-

no, o que tocarei brevemente, emendando o que me estendi no successo do galeão Santiago.

Partio de Goa no anno de 1593 o capitão mór Francisco de Mello de torna-viagem para este reino na famosa nao Chagas sua Capitania (ou nao das chagas como cedo a veremos) uma das maiores naos que houve naquella carreira, carregada de muita riqueza, e pedraria, e bom da India: trazia muita gente, e alguns fidalgos, como em seo lugar se declara, e juntamente partiram de Cóchim as mais naos de sua companhia, como é estilo, uma das quaes era Nossa Senhora de Nazareth, capitão Braz Correa: era outra Santo Alberto, capitão Julião de Faria Cerveira, carregadas ambas no profundo do mar, de muita riqueza, gente, e alguns fidalgos, e pessoas nobres. E vindo demandar o Cabo de Boa Esperança, nelle teve a Chagas Capitania tantas tormentas, e ventos contrarios, que a constrangeram depois de muitos trabalhos a arribar a Moçambique, onde invernou. As outras duas naos tambem vinham da mesma maneira, tão sobre-carregadas por cobiça (que tanto mal tem feito a este reino) que a de Santo Alberto abrio pelas picas de popa, fazendo tanta agoa, que por lha tomarem, lhe cortáram uma caverna (conselho inconsiderado, e que a muitos tem custado bem caro, porque cortar madeira em todo o caso é defeso, e assim fique por aviso, por mais que se cuide que é remedio) o qual córte de caverna accrescentou o dano de modo, que não puderam vencer a muita agoa, nem com bombas, gamótes, e barris, nem bastou alijar tudo o que havia sobre as cubertas, e debaixo dellas, de dia e de noite, para deixarem de tomar (por ultimo remedio, e por grande mercê de Deos) darem com a nao á cósta no Penedo das Fontes, cujo naufragio e roteiro escreveo João Baptista Lavanha, e cuja gente, como elle conta,

foi ter a Moçambique por entre aquella bruta Cafraria, 300 legoas por terra; levando por capitão a Nuno Velho Pereira Capitão de Sofála, que os governou e levou tão largo, e occulto caminho, com o recato e prudencia, que convem por entre aquelles barbaros.

A nao Nazareth tendo caminhado quinze gráos da parte do Sul, como era nao de grande reputação, e de bons officiaes, e capitão de experiencia, foi tanta a carga e gente que nella se meteo, que vinha por baixo do mar, e dando-lhe um temporal, começando e trabalhar, abrio tambem pelas picas, e delgados de popa, descozendo-se por muitas partes, e cuspindo a estopa, e calafetado, e fazendo tanta agoa, que se ia ao fundo, sem bastarem bombas, gamótes, baldes, nem alijarem de dia e de noite, e com grão temor de se soverter antes de poderem chegar a alguma terra, em que ancorassem por salvar a vida, até que com o favor de Deos, e com as muitas diligencias do capitão, que álem de grande soldado, era muito melhor marinheiro, pudéram chegar a Moçambique, vespera de Nossa Senhora de Março, onde com diligencia foi descarregada, e dando-lhe querena, se não pode remediar, e foi encalhada, e se viram as grandes aberturas, e muitas costuras, de modo, que estavam nellas recolhidas grande soma de caranguejos, e isto de costuras nasce das madeiras serem verdes, e de as não cortarem na Lua velha de Janeiro, que é sua verdadeira sezão, e na mingoante do dia.

Junta a gente destas duas naos perdidas em Moçambique, com a da Chagas sua Capitania, o Capitão mór Francisco de Mello os agazalhou, hora com lagrimas da dor de seos trabalhos, hora com rosto alegre, pelos ver livres delles, offerecendo aos necessitados o necessario, e aos ricos sua nao com grande amor, consolando-os a todos como foi na sua mão, e muitos

se tornáram para Goa, outros se embarcáram na nao em que se meteo toda a fazenda da nao Nazareth, que foi possivel, até meter o cisbordo debaixo da agoa, pelo qual logo no porto começou de fazer agoa. Era mestre desta nao Manoel Dias, e piloto seo filho João da Cunha, que sendo sotapiloto, succedeo no cargo de piloto, por morrer Sebastião Fernandes, e chegado o tempo, fez véla para este reino aquella famosa nao, não só no nome, mas no corpo e riquezas, e toda a pedraria de tres náos, com obra de quatrocentas almas, de que as duzentas e setenta eram escravos, e os cento e trinta portuguezes, em que entravam alguns fidaldos e soldados, como eram D. Duarte Deça, que foi capitão de Goa, Nuno Velho Pereira Capitão de Sofàla, Braz Correa, Capitão da nao Nazareth, Julião de Faria, Capitão da nao Santo Alberto, Antonio de Povoas, Capitão mór da armada de Dio, e Capitão do mesmo Dio por morte de seo cunhado Manoel Furtado de Mendonça, D. Rodrigo de Cordova, castelhano, João de Souza, Pedro da Costa de Alvelos, João de Valadares Sotto-Maior, que foi na India Capitão muitas vezes de navios, Paulo de Andrade, Henrique Leite, Luiz Leitão, Antonio Godinho de Beja; Bento Caldeira, Marcos de Góes, Diogo Nunes Gramaxo, Melchior Martins do Barreiro, Gregorio Gomes Galego. Vinha mais o padre Frei Antonio, sacerdote, frade Franciscano, e Dona Francisca da Fonseca filha de Bernardo da Fonseca; Védor da fazenda da India, e mulher de D. Tristão de Menezes, Capitão de Goa, com tres filhos um delles já homem, chamado D. Simão, e dous moços pequenos, e duas filhas, uma já mulher, chamada D. Luiza de Menezes, donzella fermosa, e outra menina ; vinha com esta Dona um seo irmão. Tambem vinha nesta nao Dona Isabel Pereira, filha de Francisco Pereira, Capitão, e tanadar mór da

Ilha de Goa, e mulher que foi de Diogo de Mello Coutinho, fidalgo de muitos merecimentos, que por vezes foi Capitão de Ceilão, e trazia comsigo sua filha Dona Luiza de Mello, moça donzella, e fermosa, que pouco havia tinham escapado do naufragio da nao Santo Alberto, no Penedo das Fontes, e caminhando pela Cafraria a pé mais de trezentas legoas; e vinha herdar esta moça em Evora um morgado por parte de seo pai, e por isso tendo escapado daquelle naufragio, se não quiz ella, e sua mãi tornar para a India.

Fez a nao véla, e passou o Cabo de Boa Esperança com grandes tormentas e trabalhos, fazendo muita agoa pelo cisbordo, sobre que se faziam grandes vigias, e alijáram muita fazenda, que vinha por cima, e mantimentos, que depois lhes fizeram bem mingoa, e póde ser que foi isso a causa de seo dano, como adiante se verá. Passado o Cabo, como muitos, ou todos esperavam ir á Ilha de Santa Elena; fez o capitão mór junta, e mostrou o regimento, em que lhe prohibiam não tomasse a dita Ilha, por sua Magestade ter nova de irem a ella inglezes; e que se houvesse falta de mantimentos, e de agoa, tomassem o porto de S. Paulo, de Loanda, e não fossem ao Brazil. E porque em Moçambique, passando para a India D. Luis Coutinho Capitão mór das naos, souberam nesta nao, que os inglezes tinham tomado no Corvo a nao Capitania Madre de Deos, e feito queimar a nao Santa Cruz, que levavam o mesmo regimento, que o Capitão mór mostrára, entendeo que mais certos seriam os inglezes em Angóla, que em Santa Elena, vendo pelo regimento de Fernão de Mendoça Capitão mór da nao Madre de Deos, como os mandava Sua Magestade ir a Loanda, e não tomar a ilha de Santa Elena; e com se averiguar, que menos perigo haveria nella, que em Loanda, com tudo ainda que o Capitão mór assim o enten-

desse, não se quiz desviar do regimento de Sua Magestade, e tomou Angola, e no porto de Loanda esteve alguns dias: e provido de agoa e mantimentos se fez á véla, accrescentando-se as bocas com muitas pessoas de escravos, que tomáram, e gastáram muitos dias nas grandes e doentias calmarias daquella enseada de Guiné, onde lhe adoeceo do mal de Loanda toda a gente, e morreo quasi ametade, e da que escapou vinha a maior parte tão doente, que mal podiam tomar as armas, quando chegáram ás Ilhas dos Açores. E como estiveram em sua altura, houve junta e conselho do que se faria (se nas couzas, e successo do mar o pode haver) e se averiguou por quasi todos, que a nao não houvesse vista do Corvo, posto que Sua Magestade mandava em seo regimento, que a buscassem, e achariam nella sua armada.

Tomado pois este assento, e indo caminhando com a proa onde lhe convinha, parece que como não podiam fugir da dura sorte, dahi a tres dias alguns homens do mar folgazões (que são os que ordinariamente danam no mar todo o bom conselho) suspirando pela agoa fresca e frutas das Ilhas, passáram palavra com alguns soldados, que não havia de haver no mundo não tomarem as Ilhas, e lançando uma vóz mutinadora, que não havia mantimentos para passar ao reino, se foram ao Capitão mór fazer-lhe requerimentos pacificos, que tomasse as Ilhas, e com grandes protéstos. O Capitão mór, que contra a fórma de seo regimento as deixava já de tomar, pelo que se tinha assentado, temeo aquella vóz publica, e parecendo-lhe que de não tomar as Ilhas, succedendo-lhe algum máo successo, podia ser reprehendido de Sua Magestade, pacificou a turba mutinada, e fez segunda junta, desejoso de acertar com o melhor conselho, (que nunca no mar é certo, se não desce do ceo,) e como na junta

havia homens de tanta experiencia, tiveram mão no primeiro conselho, se na nao houvessem mediocremente mantimentos, com que buscassem a Cósta sem ver Ilhas; para isto se visitou a nao por Diogo Gomes Gramaxo, e Luis Leitão, pessoas de confiança para isso eleitos, que orçaram e balisáram os mantimentos, e agoa que havia, e assentáram que não bastavam para se escusar de tomar as Ilhas. Isto junto ao mutim, e ao regimento, não pode o Capitão mór fazer outra couza, senão pôr a proa no Corvo, e nisso vieram os mais, bem forçados, e o mesmo Capitão mór, do que entendiam lhes convinha. E pondo todos o rosto á fortuna, se poz a nao a ponto de guerra, assentando todos que encontrando inimigos, antes se abrazariam e soverteriam, que entregrrem-se. Com esta resolução, o Capitão mór repartio as estancias, encomendando a popa a D. Rodrigo de Cordova, e a proa a Antonio das Povoas, e o convés a Braz Correa, ficando o Capitão mór no lugar perpáo. Nuno Velho não quiz lugar certo, pedindo ao Capitão mór o deixasse livre para acudir onde mais necesssdade visse, e nessa liberdade ficáram alguns capitães, e por fim Nuno Velho no tempo da batalha lançou mão do capitéo, lugar depois muito accommettido dos inimigos, outros escolheram a proa com Antonio das Povoas, por ser lugar mui importante.

Comprindo o Capitão mór com o que lhe tocava, no provimento das estancias e repartição da gente, e providos ministros, e capitães para as gávias, e Diogo Comes Gramaxo para o cuidado da polvora, que é couza de grande confiança nas batalhas do mar; cumprio tambem a nao com seo caminho, e chegou á vista do Corvo, que não pode ferrar pelo vento contrario, e indo na volta do Faial, em vinte e dous de Junho do anno de 1594 houve vista de tres naos gros-

sas, conhecidas logo por inglezas, e eram todas d'um pórte, de trezentas para quatrocentas toneladas, e uma dellas do Conde Chiumber Land, das quaes era general Ckeve capitão de infanteria, e seo almeirante o capitão Antonio. Estavam guarnecidas de muita gente de guerra, e muita artelharia grossa de bronze, de que cada nao tinha duas andainas, em que entravam canhões reforçados de bater, e de muitas armas e petrechos de guerra, e eram naos de sórte, que podia cada uma só por si combater com a nossa nao Chagas, cuja gente vendo chegada a hora, já tantos dias antevista, e que sua sórte não fora outra, tornáram a passar palavra que se não renderiam sem primeiro renderem as vidas, e o mar e fogo comesse a nao, e com esta determinação dos mais valerosos, alguns, se o não eram, vieram nella, dando fim á sua sórte, e máo grado á fortuna, encomendando cada um sua alma a Deos. E chegada a hora do meio dia, se travou com os inimigos uma cruel e medonha batalha, de bombardas e mosquetes, sem em todo aquelle dia e toda a seguinte noite até ao outro dia, em todas aquellas vinte e quatro horas haver hora nem momento em que cessasse a terrivel bateria, com muitos mortos de parte a parte, sendo a nossa nao mais accommettida, e mal tratada pela popa, onde lhe sentiram menos artelharia, e aonde por essa falta lhe foi posto de noite um falcão em cima, e na tólda se abrio uma portinhóla para uma péça de artelharia, que nella se poz com trabalho, e fez-se préstes, alcançou-a dos bombardeiros, e alistaram-se as duas péças do léme, que vinham recolhidas, por haver poucos bombardeiros, pelos muitos que foram mortos da doença de Loanda, e na batalha já neste tempo alguns; de tal maneira, que Nuno Velho Pereira, Pedro de Alvelos da Costa, Antonio Godinho, e Braz Correa, sirviram de bombardeiros.

Vendo os inimigos a nao armada por popa, donde eram muito offendidos pela grande diligencia com que se meneavam nella aquellas poucas péças; e desenganando-se que não fariam com ella efleito ás bombardas, antes lhes tinha já a elles morta muita gente, se ajuntáram todas as tres naos, e assentando que abalroassem a nossa nao, a investiram a horas do meio dia, sc. a Capitania tomou a nao pelo meio, e a almeiranta pela popa, e a nao de Chiumber Land pela proa atravessada: investindo assim todas tres, se disparou artelharia de parte a parte, com roqueiras, pelouros de cadea, e de picões; houve em todos grande estrago, jnntamente com a mosquetaria, e munição; das gávias choviam as panellas, e alcanzias de fogo, os dardos, e pedras; e pelos bordos ardiam as bombas, e lanças de fogo, cahindo de todas as partes muitos mortos e feridos, estando todas as quatro naos feitas um vivo incendio, e rios de sangue, quaes eram os fórtes combatentes, ateimados os inglezes pela preza, e os portuguezes pelos desenganarem della. O mar estava roxo com sangue cahido dos embornaes, os convézes juncados de mortos, e o fogo ateado nas naos por algumas partes, o ar tão occupado com fumaças, que não só se não enxergávam uns e outros, mas mal se conheciam muitos de tisnados, e mascarrados do fogo, e polvora.

Os da Ilha do Fayal, que viram investir estas naos, não as enxergaram durante a batalha, porque as cubrio uma grossa nuvem negra de fumassas, dentro na qual ouviam os temerosos estrondos da batalha, com que D. Rodrigo de Cordova foi espedaçado pelas pernas de um pelouro de bombarda, em que mostrou tanto valor, que levando-o para baixo morrendo, levantou a voz, dizendo: *Senhores, isto recebi em meo officio, haja bom animo, e ninguem desampare seo lugar, e*

antes abrazados, que rendidos. Succedeo-lhe na popa Pedro de Alvéllos da Costa, tão valeroso soldado, qual depois pareceo aos inimigos que por ella commetteram a entrada, começando pelo perpáo, aonde Nuno Velho acudio com uma lança de fogo, e ajudado de Luiz Leitão, e Melchior Martins do Barreiro com outros, os fizeram retirar, pondo-lhe o fogo na sua véla; aonde tambem acudio Pedro de Alvéllos com uma espada larga, cujos fios os inimigos provåram, e até a relingoa da sua véla lhe cortou com ella. Retirados os inglezes da àrremetida, e má entrada que fizeram, os começou Pedro de Alvéllos de apartar com o falcão da popa, com roqueiras de pelouros, ajudado do mestre e piloto, e sota-piloto, que não ousava algum parecer, nem descubrir-se, pelo grande dano que recebiam.

Os inglezes da Capitania, por emendarem o máo successo da entrada dos da Almeiranta, commetteram duas vezes a entrada pela xareta, com tanto impeto e confiança, como se na nao não houvera já quem lhes resistira; porém Brás Correa, que no convés estava com a sua quadrilha, os recebeo de modo, e juntamente Nuno Velho de cima da popa, com seos companheiros, e Antonio das Povoas com os seos da proa, que por mais que os inglezes trabalharam por se retirarem, o não puderam fazer todos, sem alguns com a pressa cahirem ao mar, e outros ficarem mortos na xareta, e os que escapåram, desenganados de tornarem lá. Em uma destas entradas foi morto Melchior Martins do Barreiro, com uma mosquetada, tendo mortos alguns inglezes, e em seo lugar entrou na popa Bento Caldeira, por ordem do Capitão mór, que corria e provia as necessidades, desenganando a todos que a nao se não entregaria, sem primeiro morrerem todos, e animando-os com grande valor.

Os inglezes da náo da proa parecendo-lhes que não cumpriam com a sua obrigação sem fazerem tambem entrada, commetteram uma, que lhes custou tão cara, quaes eram os combatentes que defendiam aquelle lugar, os quaes naquella nao inimiga, que lhe ficava atravessada, fizeram notavel dano; e havendo os inglezes da Capitania, que estando pelo bordo, e razo da xareta, não faziam o que deviam sem render por alli a nao, commetteram terceira entrada com grande impeto, mui cubertos de rodélas de aço, e capacetes, e outras boas armas, deliberados a morrer, ou render a nao, e levantaram na xareta da nossa nao bandeira branca de paz, parecendo-lhes que os nossos folgariam de abraçar-se com ella: e o primeiro que os nossos mataram, foi o da bandeira, a tempo que já da nossa nao o sota-piloto João da Cunha levantou da popa outra bandeira branca, a qual Nuno Velho, e os do capitéo, lhe romperam logo, e lançaram ao mar, querendo-o matar a elle pelo atrevimento, dizendo-lhe que o negocio se não havia de averiguar com bandeira branca, senão de sangue, e morte de todos, e que se desenganassem os inglezes; e em todas as estancias corria o mesmo voto: posto que alguns mercadores, que alli vinham, desejavam mais paz, do que folgavam de ver tanto sangue, e começou de correr uma palavra, que se ia a nao ao fundo, e logo outra, que ardia a nao, e ouviam-se os écos: Abraze-se, vá-se ao fundo, mas não se hão de entregar.

Retirados os inglezes que escaparam da entrada, a briga se porfiava, como se se começara, sem haver em que pôr os olhos, senão em mortos, fogo, e sangue, aturdidos todos do grande estrondo, e com uma sanha e braveza terrivel, e duas vezes se pegou, e apagou o fogo na Capitania inimiga, e uma vez na nao da proa, que se afastou ardendo sem remedio:

mas a tempo que o mesmo fogo tinha saltado no cochim de cairo da nossa nao, que tinha no gurupés para guarda da véla do traquete, que os nossos se descuidaram de tirar (inadvertencia que lhes custou tão caro, que não custára, se este cochim não fora.) Porque estando os inimigos já de todo desenganados de vitoria, desejosos de se poderem desembaraçar dos nossos, foi tal a furia do fogo no cochim, por estar mui seco do sol, e guarnecido e cercado de alcatroados, e foram tão altas as chamas, que se ateáram na véla, e por ella acima até a gávea, como por estopas, abrazando véla, enxarcia, e gavea, com tanto impeto, e brevidade, que se lhe não pôde atalhar, porque alem de não terem para isso ordem, nem instrumento com que lançar a agoa tão alta (como devia de haver em semelhantes naos, porque os ha) os inimigos da nao da proa, em quanto se foi afastando ás mosquetadas, matavam qualquer dos nossos que apparecia para apagar o fogo; porque nem com elle assim ateado cessava a batalha de parte a parte, até que as naos inimigas se afastaram bem, havendo grandes quatro horas que estavam abordados, e deram lugar aos nossos de arremetterem a apagar o fogo, e os nossos a elles para se afastarem, por evitarem o perigo em que se viam; mas foi isto já a tempo sem remedio algum; porque álem de ser o fogo apoderado da gávia, e de toda a enxarcia da proa, e do castello com infernal impeto, vinha a enxarcia com polés, e com tudo ardendo, e levantando pelo castello, e pelo convés, e costado, tão grandes lavaredas, e com uma posse tão sofrega e impetuosa, que não houve remedio para se lhe atalhar.

Desenganados os nossos, que ardia a nao, absoluta e irrimissivelmente, começaram muitos de se lançar ao mar em jangadas, e páos; e os que não sabiam

nadar, a entrar em desesperado temor da mórte; outros, especialmente a escravaria, abraçando o lugar em que estavam com suspiros e gemidos, arrancados d'alma; perguntando uns aos outros por remedio, clamavam ao ceo por misericordia, com tantos brados, que suspendiam os ares: e hora correndo a um bordo, hora a outro, não sabiam se se lançassem ao mar, ou se se deixassem abrazar do fogo. O padre Frei Antonio se abraçou com um Crucifixo, pedindo a Deos misericordia por todos, e apertando o fogo com todos, começou de os obrigar a lançar ao mar, como fizeram os que sabiam nadar, e os que não sabiam entrando em maior temor, lançando diante páos, barris, e jangadas, e afogando-se muitos primeiro que nelles pegassem; e quando o aperto era maior, os inglezes acudiam com suas lanchas armadas; aos quaes muitos dos nossos pediam misericordia, que elles não usavam com elles, antes trespassando-os de parte a parte com as armas cruelmente, e como carniceiros, os mataram a todos que poderam alcançar.

Que direi aqui do triste lamento das pobres fidalgas, e daquellas donzellas e meninos, e das trespassadas mãis; porque, como carecentes de remedio, se abraçavam umas ás outras, tão trespassadas, e sem acordo, que não havia nellas alguma determinação, dizendo á fortuna tantas mágoas, que cortavam os corações dos aflictos ouvintes, por lhes não poderem valer, dobrando-se-lhes suá pena pelas verem naquelle estado, e começando a entrar, que lhes convinha despirem-se para se lançarem ao mar, e esperarem a misericordia dos inglezes, estiveram em termos de se deixarem antes queimar, que despirem-se. Começou D, Luiza de Mello de fazer queixas á fortuna, dizendo: — «Ah cruel que me enganaste no naufragio da nao Santo Alberto, para me pores neste aperto; se nelle

me afogára, não me vira nesta afflicção. Ah pés, que trezentas legoas caminhaste por terra de cafres, quanto melhor vos fora comidos de uma serpente, que agora aqui abrazados de fogo. Oh ingratas areas da Cafraria, que comestes e cubristes D. Leonor de Sá, porque me negaste sepultura em vós, quando trez mezes, e trezentas legoas vos caminhei a pé. Ah vida de desaseis annos mal lograda, que determinação tomais com esta amarga e forçada morte de fogo, ou de agoa, ou de armas de hereges, ficai-vos embora vida triste, apartai-vos de mim esperanças enganosas.»

Nestas, e outras semelhantes mágoas passáram as afflictas mulheres e meninos aquelle breve espaço de vida, e tomando por melhor conselho lançar-se ao mar, se atou D. Luiza de Mello com sua mãi, com um cordão de S. Francisco, com que ambas liadas e afogadas sahiram á terra na Ilha do Fayal, onde foram sepultadas. E finalmente aquella valerosa gente portugueza pereceo nadando pelo mar, e passando dentro na agoa pelas armas daquelles crueis luteranos, contra todas as leis da guerra, que não tiram vida a gente rendida, e posta em tal estado: quanto mais importára aos inglezes tomar toda esta gente, e lança-la naquella Ilha, a troco de muita pedraria que por isso lhe pudéram pedir, que lhes valera um conto de ouro; mas cegou-os Deos por quão injusta guerra fizeram a esta nao, que vinha seguindo sua quieta viagem, de maneira, que abrazada a nossa nao em chamas vivas, cercada de sangue catholico, e perto de quinhentos corpos de catholicos chagados; e estavam elles, e ella em tal fórma, que com razão lhe pertencia bem o nome da nao das chagas. Este foi o mais triste e horrendo espectaculo, que nunca no mar aconteceo, com tão estreita perseguição e crueis ex-

tremos de gostar a triste morte, entre fogo e mar, e armas de hereges inimigos.

E pois o temos ouvido, bem será que vejamos como escapáram delle treze pessoas, por grande mercê de Deos, e que gente perderam os inglezes nesta batalha. Estando Brás Correa com quatro homens do mar ao perpáo sem se saberem determinar, apertando já com elles o fogo, disse um marinheiro chamado Matanáos, que se passassem á proa pela parte de fóra, pela cinta do costado, e esperassem lá que cahisse o gorupés, que era boa jangada.

Caminháram os marinheiros pela cinta, e apoz elles Brás Correa, e vendo o Capitão mór que elles pudéram passar, disse a Nuno Velho, que se fossem para lá tambem, e elle lhe respondeo que tanto montava morrer numa parte como na outra, e com tudo foi-se com o Capitão mór, e indo apoz elle pela cinta, lançou mão de uma corda, que cuidou ser fixa, e indo-se com elle cahio ao mar, onde se deo por afogado, sem saber nadar, e por grande ventura se pegou a um páo, que achou na agoa, já meio afogado. O Capitão mór passou pela cinta, e pegado na proa a uma das cadeas das deguarnições, que já estava solta da enxarcia, como a nao arfava, hora o levantava, hora o tornava a levar ao fundo, e porque não sabia nadar, se não ousava desapegar. Brás Correa, que tambem não sabia nadar, estava mais avante com os marinheiros, e pegados por baixo do grão fogo, metidos tambem no mar, esperavam todos a cahida do gorupés, e como cahio por tal modo, arremeçados a elle uns marinheiros, grumétes, e escravos, fizeram delle jangada; e como o pé lhe ficasse chegado ao costado da nao, pegado a Brás Correa, se arriscou arremeçando-se a elle, e o alcançou trabalhosamente, e ajudado dos que nelle já estavam, se poz em cima. O Capitão

mór, que ficava mais afastado, querendo-se tambem arremeçar, como era mal visto, errou o páo, e se foi ao fundo, afogando-se logo aquelle honradissimo fidalgo, que tão valerosamente tinha feito seo officio, deixando magoados os que o viam morrer, sem lhe poderem valer.

Neste tempo passava uma lancha dos inglezes, com as lanças apontadas nos que estavam no gorupés, a qual como encontrasse na verga da cevadeira, que estava em cruz nelle fixa, pela ostaga, deteve-se nella a lancha, e ainda alli valeo o Sinal da Santa Cruz a estes afflictos, porque naquella dilação houve lugar de um gruméte lhes mostrar um bizalho de pedraria, e acenar-lhe, que lho daria se o não matassem ; elles vendo o bizalho, desviáram as pontas das lanças, de modo, que pareceo a Brás Correa que davam lugar ao moço que fosse entrar na lancha, e porque não ousava de o fazer, lhe bradou Brás Correa que entrasse, com o que animando o moço, que estava na dianteira do páo, arremetteo com a lancha, e entrou, e elles o recolheram : os mais foram commettendo, e entrando, e Brás Correa tambem. Matanáos lançou uma corda do seo rebem a Nuno Velho, que estava posto na curva, e puxando por elle para o gorupés, o ajudou a pôr nelle, e lançando a correr, se foi meter na lancha, que com grande pressa se afastou delle, temendo que chegasse o fogo da nao á polvora, e voando as cubertas os alcançassem. Brás Correa, vendo ficar Nuno Velho no gorupés, fez grande instancia com os da lancha que o tomassem, porque lhe montaria muito o que por si lhes daria, e o não quizeram fazer com o grão temor que tinham do fogo, mas bradáram á outra lancha que tambem vinha fugindo, que o tomassem, como tomáram, e logo o despiram da roupeta, e lhe tomáram um relicario, e nú o passáram á

outra lancha, que era da nao de Chiumber Land, onde foram levados, e nesta fórma se salváram treze pessoas, convem a saber: Nuno Velho, Brás Correa, e Gonçalo Fernandes guardião da sua nao Nazareth, e o estrinqueiro Antonio Dias, e Pedro Dias soldado da India, e dous calafates, e dous marinheiros, e quatro ou cinco escravos. Os quaes da nao inimiga viram acabar de arder a sua, até que já quasi noite chegou o fogo á polvora, que com horrendissimo estrondo, levantando uma grande nuvem de fumo, se concluio aquelle espectaculo, indo-se o casco ao fundo, e acabando de perecer os que por seo bordo ainda estavam pegados: cujas almas permittiria Deos levar logo á gloria, pois permittio que seos corpos passassem por tal transito. Dos treze lançáram os inglezes os onze na Ilha das Flores, e Nuno Velho e Brás Correa leváram comsigo por serem capitães, para testemunho do successo, e por esperarem delles resgate; porém tratáram-nos muito mal, com todos os desprimores e máos tratamentos possiveis. Na batalha morreram logo perto de noventa inglezes, ficáram como cento e cincoenta muito mal feridos, dos quaes foram depois morrendo muitos cada dia, e morreo na briga o capitão Antonio almirante, e o general Ckeve ficou tão mal ferido nos joelhos, que nunca mais se ergueo da cama, e foi disso morrer a Inglaterra. O capitão da outra nao do Chiumber Land, foi passado pela barriga de uma arcabuzada, de que depois em Inglaterra muito tempo andou mal, e pasmavam, que tão pouca gente como era a da nossa nao, lhes pudéssem matar tanta gente, sendo os nossos, quando muito, setenta homens portuguezes, pelos muitos que lhes morreram na viagem, do mal de Loanda, porque posto que os escravos eram muitos, eram boçaes, e desmazelados, e só quatro ou cinco delles prestáram para armas.

Assim ferido á morte se deixou o general Ckeve andar entre as Ilhas mais de um mez, esperando successo de preza, corrido de haver de apparecer sem ella em Inglaterra, com tanta perda de gente, até que uma manhã viram a nao Capitania da India, Capitão mór D. Luis Coutinho, com o qual pelejáram ás bombardadas aquelle dia, até que o general Ckeve mandou atar Nuno Velho, e Brás Correa, e mete-los em uma lancha, que enviou a D. Luis, dizendo que amainasse da parte da Rainha de Inglaterra, senão que lhe queimaria a nao, como fizeram á nao Chagas, para cujo testemunho lhe mostravam alli os Capitães Nuno Velho, e Brás Correa, que della escapáram. D. Luis mandou á lancha que fallasse de largo, e respondeo á embaixada que elle não conhecia a Rainha de Inglaterra, senão a El Rei de Hespanha D. Felippe Nosso Senhor, cuja era aquella nao Capitania da carreira da India, e Capitão mòr della D. Luis Coutinho, que na Ilha do Corvo tomára e desbaratára a Ricarte de Campo Verde general inglez, e que dissessem ao seo general, que fizesse o que pudesse, que elle lhe responderia em fórma ; e que chegasse a bordo, porque a nao vinha carregada de muita riqueza, e pedraria. O inglez vendo a reposta, determinou de queimar a nao, e para isso mandou que logo se despejasse a nao de Chiumber Land, por ser velha, e que lhe sobrecarregassem toda a artelharia, e levando dentro em si dez pessoas para a marearem, com a lancha por popa em que se sahissem, depois de abordada, e ferrada com arpéos, deixando espias acesas na polvora, e que arremettendo todas tres naos com a nossa, aquella só abalroassem na dita fórma : para que ambas se abrazassem. Tomado este assento, ordenou Deos outro ; porque continuando-se aquella tarde a batalha ás bombardadas, déram da nossa naó uma bombarda-

da no masto do traquete da nao do Conde com que lho quebráram, e apoz isso sobreveio uma trovoada, com que a nossa nao se foi sahindo, e as duas apoz ella, ás quaes D. Luis aquella noite fez farol, e como amanheceo não viram a outra que por não ter masto não pode velejar; tornáram-se a ella, desistindo da contenda, e seguio D. Luis sua viagem em paz. Porque quando Deos quer, tudo ordena como cumpre.

Ckeve enfadado dos máos successos, e muito mais da morte, que o apertava pela ferida dos joelhos, se foi na volta de Inglaterra, onde em breves dias morreo, e onde Nuno Velho, e Brás Correa foram prisioneiros do Conde Chiumber Land, que os tratou muito bem, tendo-os por hospedes um anno, em que se resgatáram por tres mil cruzados, os quaes Nuno Velho pagou só por ambos, não querendo que Brás Correa pagasse nada delles, e vindos a Hespanha, Sua Magestade lhes fez algumas mercês, e a Brás Correa tornou a enviar á India por Védor da fazenda de Goa neste anno de 1604.

CAPITULO DUODECIMO

Da causa e desastres porque se perderam muitas naos da India

É couza que muito magôa, considerar na perda de tantas naos desta carreira da India, e quasi todas por desastres, e cobiça insaciavel: e não quero dizer o porque mais. Só digo, que os que andam nella, ponham os olhos em quantos perderam vidas e fazendas, e o porque, e se advirtam do que lhes cumpre nesta materia; e não chamo desastres ás

que tomáram os coçarios, e fizeram perder; porque isso são casos fortuitos de guerra, como vimos na nao S. Filippe, que Francisco Draque tomou entre a Ilha Terceira e a de S. Miguel com nove naos de guerra: e na nao Madre de Deos, que na Ilha das Flores tomou outra esquadra ingleza: e na nao Santa Cruz, que por lhe escapar das mãos á mesma armada, deo comsigo á cósta na mesma Ilha, e se poz o fogo para o inimigo della não levar nada, como não levou; e na nao S. Francisco, que vindo de arribada no anno de 97 deo comsigo á cósta na Ilha de S. Miguel, por se livrar de 140 vélas de armada ingleza. Nem chamo desastre o da nao S. Valentim, que ancorada em Cezimbra no anno de 1602 foi alli tomada de inglezes, nem menos o da naveta Santo Espirito, que sahindo de Lisboa para a India só, em Outubro ou Janeiro do anno de 1590 a tomáram coçarios ás bombardadas: e se no que fica contado do galeão Santiago, e da nao Chagas, se póde attribuir algum desastre, do discurso da historia se deixará colligir, que o que eu entendo da nao Chagas, desastre foi pegar-se o fogo pelo cochim, e não se advertirem delle para o tirarem antes da batalha; porque em semelhantes successos, o Capitão do fogo ha de ser mui advertido em afastar todo o modo de acendalha: esta é a razão porque logo convem tirar as monetas das vélas, e não só para desembaraçarem a vista, mas para ficarem levantadas as vélas do fogo, nas quaes é sempre mais perigoso, porque se não póde apagar, como vimos nesta nao.

Desastre bem sentido foi partir-se da India Manoel de Sousa Sepulveda, não só tão tarde como partio, em dous de Fevereiro do anno de 1552 de Cochim, que era o tempo em que para bem houvera de estar no Cabo de Boa Esperança, mas partio-se sem vélas,

com umas vélas, que para as remendar amainou tantas vezes, que poz até treze de Abril, que são dous mezes e dez dias, em chegar a trinta e dous gráos no Cabo, sendo já inverno nelle, onde se perdeo: e maior desastre foi entregar as armas aos cafres, que tão caro lhe custou a elle, e mulher, e filhos, e a todos. Desastre grande foi o da nao Santiago Capitania, que deo no Baixo da Judia, sendo Baixo tão conhecido. Desastre foi tambem dar á cósta na Ilha Terceira o galeão Santiago vindo de Malaca o anno de 98 sem tormenta, e por falta de amarra, que não tinha: estando no mesmo porto seis naos de viagem, de que era Capitão mór João de Tomar Caminha, e o galeão S. Lucas Capitania da fróta do Brasil, de que era Capitão mór Brás Correa, e nenhum deo á cósta senão o dito galeão por não ter amarra. Desastre seja tambem perder-se a nao S. Luis no parcel de Sofála no anno de 1582 indo de viagem para a India, por roim pilotagem. Desastre foi bem grande o da nao Nossa Senhora da Encarnação, que no anno de 96 levou de Lisboa á India o Conde da Vidigueira almirante; porque tendo-a no porto de Cochim carregada para se vir nella para o reino o Viso-Rei Mathias d'Albuquerque, ardeo assim carregada por occasião de se chegar a ella um barco em que se ateou o fogo, levando barris de polvora, e de alcatrão, e por máo tento ardeo a nao carregada, e morreo nella alguma gente. Tambem seja desastre partir de Goa a nao Nossa Senhora do Castello para a India, e ir-se perder setenta legoas das ilhas de Angoja, a travez de Moçambique, onde foi ter o capitão com alguma gente; e não foi menor desastre da nao Madre de Deos feita na India, que partindo de Goa para este reino no anno de 1595 aos treze dias de viagem foi dar nos Baixos das Desertas de Arabia, de que só desaseis pessoas se sal-

varam, e os mais mataram os arabios. Seja tambem desastre o de tres naos que partiram de Lisboa para a India, a saber: a nao Santo Antonio no anno de 1589 (que dizem que ardeo) e o galeão S. Lucas no anno de 1590; e o galeão S. Felippe no anno de 1600, sem de nenhuma dellas haver mais novas, nem como se perdessem, mais que desapparecerem.

Porém ainda que todas as naos já nomeadas, podemos colligir que quasi todas se perdessem por desastres, as outras que agora se seguem, não por desastre, mas por cobiça se perderam, que é mal antigo e conhecido nesta carreira, e de todos chorado, e de ninguem remediado, sendo o remedio disso tão necessario, como é haver naos e ministros para ellas; porque realmente pela maior parte nesta carreira anda gente de insaciavel cobiça, e tal, que do naufragio da nao Santiago no Baixo da Judia se conta, que vendo um grande soma de reales de oito lançados por cima do Baixo, não havendo nelle esperança de salvação, tomou uma sacca grande, e os apanhou todos, e meteo na sacca, e a atou, e não tardou muito que a maré enchendo cobrio a sacca, e a elle, e a todos afogou. De um marinheiro da nao Santa Clara, que deo á costa no Brasil, se conta que vendo que todos se despiam nús por se salvarem a nado, e deixavam na nao cadeas de ouro, e outras peças, elle se carregou dellas, esperando nadar com ellas á terra, e em tocando na agoa antes de poder nadar, era tal o pezo, que com elle se foi a pique ao fundo, e perdeo a vida. Pontualmente assim são os que carregam, ou sobre-carregam na India as naos com tanta cobiça, que parece que não esperam de chegar a este reino, senão em fazendo véla irem-se a pique ao fundo. E é couza lastimosa, e para chorar com lagrimas de sangue ver a multidão de naos que em poucos annos

se perderam por cobiça, em que não só é de considerar a grande soma de riqueza que nellas comeo o mar (que fique no arbitrio de cada um) mas a perda de tanta gente, não só fidalgos, soldados de grande valor, mas pilotos, mestres, nautas, e bombardeiros, gente toda feita nesta carreira, que lá fazem notavel mingoa. E seja a primeira parte desta cobiça, a que muitos murmuram, da querena italiana, qne se dá a estas naos, não por melhor fim, mas por se poupar parte do culto, que fazem pondo-se a monte, como importa a estas nossas carracas; e ás naos de Levante baste embora a querena no mar, porque a sua carga é de vidros, e espelhos, e o seo mar differente do Oceano, e em que cada tres dias podem tomar porto; basta que é mar de galés, aonde bastam umas naos vazias como torres; e as nossas naos da India atravessam o mar Oceano de Polo a Polo, e passam o Cabo de Boa Esperança, não carregadas de vidro, senão sobre-carregadas de grandes máchinas de caixões, e fardos, e drógas pezadissimas, e contendem com a furia dos quatro elementos, e caminham cinco e seis mil legoas, com todo o successo do tempo; e a querena para ellas é tão danosa, como se tem visto pela multidão das naos, que depois que ella se usa, se perderam, na fórma que logo se verá, não por desastres, como algumas das já nomeadas, mas por cobiça, e pouco tento, e por se cuidar que é provisão a querena, e provisão dar-se o concerto das naos de empreitada, e que se poupa na bolça dos contratadores. Em esta fórma perde-se o reino assim pela surda, porque a querena desencaderna toda uma nao, e é forçado calafeta-la molhada, e mal vista pela quilha, e partes importantes, e a impreitada concerta-se como quer, e não como deve; e a nao para ser bem concertada, ha de ser pondo-se a monte, e se-

cando-se primeiro muito bem, porque não cuspa o calafetado, começando-se a ver pela quilha, o que não se póde fazer da querena; e em taes adereços se ha de prohibir toda a empreitada, e advertir com grande tento que se lhe não metta páo, nem taboa, senão muito seca, enxuta, e colhida de vez, qual é a lua velha de Janeiro.

A terceira causa, que bota a perder as naos, e o reino, e a India, e tudo, é a dos que navegam nesta carreira, em sobre-carregarem as naos, e as arrumarem mal, como o leve em baixo, e o pezado em cima: o que não só descompassa as naos, mas basta qualquer occasião para abrirem, e se perderem tantas, como temos visto, abertas todas indo-se ao fundo. Deixemos as antigas, porque este mal é já muito velho: como lemos daquelle grande naufragio da nao de Fernando Alvares Cabral, que abrio, e deo á cósta no Cabo de Boa Esperança, que só sobre uma das cubertas trazia mais de setenta caixões mui grandes de fazenda; mas vamos ás que agora ha poucos annos, por sobre-carregadas e mal aviadas da querena italiana, se perderam indo-se ao fundo. E comecemos pela nao S. Lourenço, que no anno de 1585 foi de Lisboa á India, e tornando de lá sobre-carregada abrio, e foi fazer naufragio em Moçambique. Item o galeão Reis Magos, que vindo de Maláca abrio, e foi fazer naufragio em S. Thomé. Item a nao Salvador, que foi de Lisboa no anno de 1586 que da volta da India abrio, e fez naufragio em Ormús. Item a nao S. Thomé, que partio de Lisboa no anno de 1588 e tornando para este reino abrio, e com grande tripulação foi dar á cósta na Terra do Natal, onde morreo muita gente, e alguma que se salvou foi a Sofála, com assás trabalho. Item a nao S. Francisco dos Anjos, feita na India, vindo para este reino, no anno de 1591 abrio,

e fez naufragio em Moçambique. Item o galeão São Luis, que no mesmo anno foi de Lisboa a Malâca, da volta abrio, e fez naufragio em Moçambique. Item a nao Santo Alberto, de que já tratei, que aberta no anno de 1593 fez naufragio no Penedo das Fontes, cuja quilha era tão podre, que a desfazia Nuno Velho Pereira com a cana de vengala. Item a nao Nazareth no mesmo anno aberta fez naufragio em Moçambique. Item a nao S. Christovão, que de Lisboa foi no anno de 1593 da torna-viagem abrio, e foi a Moçambique, onde não quiz descarregar, senão tornar para Goa em companhia da nao S. Paulo, em que a gente se salvou, porque ella foi-se a pique ao fundo. Item a nao Nossa Senhora do Rosario, que foi de Lisboa no anno de 1595, quando tornou abrio, e fez naufragio em Moçambique.

Todas estas onze naos se perderam abertas indo-se ao fundo com carga, porque é tanta a que lhes põem, não só dentro em seo bojo, mas sobre as cubertas, e por fóra do costado, que não sómente abrem (como está dito) mas inteiras se vão a pique ao fundo, com a sobre-carga, como fez a nao Reliquias no porto de Cóchim, que foi o pezo da sobre-carga tanto, que se foi a pique ao fundo. E ainda mal, porque não parâram as perdas deste reino só com as naos já nomeadas, porque dentro nos mesmos annos perdeo mais oito naos, que partindo da India assim sobre-carregadas, nunca mais appareceram, nem nova dellas; e ainda das atrás nomeadas, que fizeram naufragios, de muitas escapou a gente toda, e de outras alguma, e muita fazenda; mas destas oito, de que não houve noticia, nem fazenda nem gente escapou; que é magoa, que basta para espelho dos futuros estimarem mais suas vidas, e carregarem mais temperada e commodamente, por se não verem em taes extremos, nos

quaes se deviam ver estas naos, convem a saber: A Reis Magos, que no anno de 1582 foi de Lisboa á India, da volta desappareceo. Item a nao Boa Viagem, que foi para a India no anno de 1584 quando tornou desappareceo. Item a nao Bom Jesus, em que no anno de 1590 foi de Lisboa o Viso-Rei Mathias de Albuquerque, tornando nella o governador Manoel de Sousa Coutinho com sua mulher, filhos, e muitos fidalgos, desappareceo, sem haver novas della. Item a nao S. Bernardo foi de Lisboa á India no anno de 1591 e tornando de lá para este reino, desappareceo. Item a nao S. Bartholameo, que foi de Lisboa no anno de 1594 quando tornou da India desappareceo. Item a nao S. Paulo foi no mesmo anno de Lisboa, e á vólta da India desappareceo. Item a nao Nossa Senhora da Luz partiu de Lisboa no anno de 1595 e tornando da India desappareceu. Item a nao Nossa Senhora da Victoria foi no mesmo anno de 95 de Lisboa, e á torna-viagem desappareceo. Das quaes oito naos não houve noticia de como se perdessem, e ha-se de presumir que abriram, e se foram ao fundo, na fórma que todas as mais fizeram naufragios, que foi abertas: ás quaes fez Deos mercê que chegassem á cósta, e a estas ultimas antes disso comeo o mar. Assim que em vinte annos, que ha do anno de 1582 até 1602 perdeo este reino trinta e oito naos da India na fórma que tenho apontado, algumas por desastre, e as mais dellas por cobiça de sobre-carregarem na India, e todas estas perdas da India e sua carreira se encerram em duas causas, uma que por partirem de Lisboa tarde, arribam; a outra por partirem da India sobre-carregadas, se perdem: e ambas estas causas são bem remediaveis; e assás de prova temos disto mui bastante, no que vimos neste porto de Lisboa no anno presente de 1604 que chegáram a elle

seis naos da India a salvamento, sem se perder alguma, porque como na India não houve muita carga, carregou cada uma a carga ordinaria, e pode com ella, e montou a viagem a salvamento; e apoz estas naos entraram pela barra as naos que partiram della para a India, que arribáram por partirem a vinte e nove de Abril, que é muito tarde; e tambem as naos que partem da India muito tarde, tem trabalho, porque vão demandar o Cabo já no inverno.

O verdadeiro partir de Lisboa ha de ser antes que o sol passe a Equinocial: bem de experiencia ha disso; e porque isso se não previne a tempo, arribam tantas naos como arribaram no anno de 1601 que de nove que partiram, arribáram cinco; e tambem se arriscam a muito as naos quenão partem da India dentro em Dezembro para passarem o Cabo de Boa Esperança no verão daquelle Polo, em que então está o sol. E finalmente a felicidade desta carreira, mediante Deos, está em as naos não serem feitas de madeira verde, senão muito secca, e colhida na lua velha de Janeiro, no ultimo da minguante, e na minguante do dia: porque é a verdadeira cezão de ser cortada, (como as uvas vindimadas em Setembro) tem então a madeira madurez, tem menos humor, é leve, sécca mais depressa, dura mais, e não revê, nem empena; e não só as naos de tal madeira serão mais leves e mais duraveis, mas mais fórtes, e estanques; porque a pregadura nesta madeira colhida de vez, é fixa, e fixo o calafetado. Consiste em serem as naos varadas a monte, para que se enxuguem, e não se concertem humidas; e bom é o concerto não ser de empreitada, nem cortando, porque tudo se fará á provisão, que nisto desarma, e não convem. E as naos a que não fôr necessario concerto, é muito importante, em descarregando, serem mui bem lavadas por dentro, e muito bem esgotadas, passado

o lastro acima para isso, porque o lodo e as agoas chocas que trazem, lhes apodrece as quilhas e picas. Consiste finalmente em partirem em Março de Lisboa antes do Equinocio, e da India dentro em Dezembro, e com carga ordinaria, e não sobre-carregadas; e todas estas couzas são factiveis, e podendo-se fazer, podia ser que não houvesse tantas perdas, que magoam até as pedras.

FIM DO SETIMO VOLUME